



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
**Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**  
**Mestrado em Ciências Documentais**  
**Ramo Biblioteca**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

Biblioteca Municipal Lúdia Jorge - Albufeira

Projeto *Histórias em Família* – promoção e animação da leitura



Vanda Sofia Falcão Prazeres, nº 46065

**Orientadora de Estágio na Biblioteca Municipal Lúdia Jorge:**

Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Miguel

**Supervisor Universitário:**

Dr.<sup>a</sup> Alexandra Mariano

Faro, Julho de 2014

## Relatório de estágio na Biblioteca Municipal Lúcia Jorge

### Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

Vanda Sofia Falcão Prazeres

Copyright de Vanda Sofia Falcão Prazeres.

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

## Índice

Resumo / Abstract .....	6
Parte I - A Biblioteca Municipal Lídia Jorge – visita guiada .....	8
Missão.....	10
Objetivos.....	11
Serviços .....	12
Fundo documental .....	19
Recursos humanos .....	19
Circuito documental .....	19
O programa Koha .....	20
Parte II – A promoção da leitura .....	22
A importância da leitura .....	22
O valor afetivo e funcional da linguagem .....	25
A evolução linguística das crianças.....	27
A motivação para a leitura consoante a idade .....	29
A importância da família e do contexto social .....	34
A importância da biblioteca pública.....	36
O bibliotecário mediador de leitura – perfil e competências.....	39
Parte III - Projeto ‘ <i>Histórias em família</i> ’ .....	45
Fundamentação.....	45
Metodologia e planificação .....	47
Conclusão .....	53
Bibliografia.....	54
Anexos.....	59
Apêndices .....	72

## **Agradecimentos**

O meu profundo agradecimento a todas as pessoas que me acompanharam ao longo desta experiência de estágio e que contribuíram para o sucesso do mesmo.

À Dr.<sup>a</sup> Alexandra Mariano pela sua colaboração e confiança.

A toda a equipa da Biblioteca Municipal Lídia Jorge, em Albufeira, pelo simpático acolhimento, pela boa energia e pela amizade que ficou.

Em especial à minha orientadora Dra. Ana Paula Miguel, bibliotecária da Biblioteca Municipal Lídia Jorge, por todo o seu apoio, disponibilidade demonstrada e oportunidades que me proporcionou.

*"Conto para que as palavras regressem a casa mais cedo. Para que entre nós deixem de haver vazios difíceis de habitar. Como as aves rumo a um sul à espera de existir. Conto para dar sentido aos passos que faço. Para reaprender a amar todas as ruas que percorro e entender todas as gentes que encontro. Conto para apagar silêncios fundos e afagar tristezas demoradas. Para fazer dos dias a morada da fala e dos meses a terra sonhada. Conto para que tudo à minha volta seja mais bonito. Tão simples de fazer tão complicado de entender..."*

Jorge Serafim

## Resumo

Palavras-chave: Biblioteca Municipal de Albufeira; Biblioteca Municipal Lúcia Jorge; promoção da leitura; animação da leitura; projeto Histórias em Família; biblioteca pública.

O presente relatório pretende dar a conhecer as atividades desenvolvidas na Biblioteca Municipal Lúcia Jorge (BMLJ), em Albufeira, no âmbito do estágio realizado para obtenção do grau de Mestre em Ciências Documentais, ramo Biblioteca, pela Universidade do Algarve.

O estágio foi realizado entre Outubro de 2012 e Junho de 2013 e a sua principal atividade baseou-se na implementação de um projeto de mediação e promoção de leitura intitulado *Histórias em Família* – animação da leitura na Biblioteca Municipal Lúcia Jorge.

Este projeto pretendeu fundamentalmente criar e consolidar hábitos de leitura junto da população mais jovem, bem como promover a utilização da biblioteca municipal enquanto espaço de cultura e lazer junto das famílias residentes no concelho de Albufeira. Resumidamente, o *Histórias em Família* consistiu na realização de quatro *ateliers* distintos, adequados a diferentes faixas etárias, entre os 3 meses e os 12 anos, no setor infante-juvenil da biblioteca, todos os sábados, durante o período do estágio.

Ao longo deste relatório é feita uma apresentação da instituição acolhedora do estágio, seguindo-se uma reflexão teórica sobre a importância da leitura e da sua promoção e mediação, assim como sobre o perfil e competências necessárias ao mediador da leitura em biblioteca pública.

A última parte do trabalho é dedicada à apresentação do referido projeto *Histórias em Família* - sua fundamentação e metodologia utilizada na sua implementação.

## **Abstract**

Keywords: Municipal Library Lidia Jorge, reading promotion, reading performances; story telling; public library.

This report aims to present the activities that took place in the Municipal Library Lidia Jorge, in Albufeira, which formed part of the MSc placement in Documental Sciences (Library), from the University of Algarve.

The placement took place between October 2012 and June 2013 and focused on the implementation of mediation and reading promotion project entitled “*Family Stories - Lidia Jorge Library’s reading performances*”.

This project primarily intended to create and strengthen reading habits in the youngest population, as well as promote the use of the public library as a place of culture and leisure for families living in Albufeira County.

In sum, *Family Stories* consisted of four separate workshops, aimed at distinct age groups, between 3 months and 12 years old, that took place every Saturday in the infant-youth section of the library throughout the placement duration.

The contents of this report include the presentation of the welcoming institution, followed by a theoretical reflection on the importance of reading and its promotion and mediation, as well as on the profile and competences needed to mediate reading in public libraries.

The last section of the present report is devoted to the presentation of the project “*Family Stories*” –and how its rationale and methodology was used for its implementation.

## **Parte I - A Biblioteca Municipal Lúdia Jorge – visita guiada**

A Biblioteca Municipal de Albufeira, abre ao público pela primeira vez, em 1995. Situada num edifício antigo, pouco espaçoso, na zona histórica da cidade, junto ao Museu de Arqueologia; com poucas condições para que os seus utilizadores lá pudessem permanecer, limitando-se as suas visitas sobretudo às simples consultas de jornais ou empréstimos domiciliários. Tinha um horário reduzido e um bibliotecário ao serviço. Em 2009, em reunião camarária, foi decidido dar o nome da escritora Lúdia Jorge à biblioteca, que a homenageou formalmente a 9 de Outubro desse ano.

A 17 de Dezembro de 2004, também por iniciativa camarária, é inaugurado o novo edifício da biblioteca – designada então por Biblioteca Municipal Lúdia Jorge (BMLJ) - na Urbanização Quinta da Correeira, em Albufeira, com 1259 m<sup>2</sup>. A transferência para este espaço permite, então, oferecer aos utilizadores e funcionários da biblioteca, espaço e condições de fruição literária e cultural, assim como melhores condições de trabalho e de organização dos serviços.

É uma instituição de serviço público hierarquicamente dependente da Divisão de Cultura, do Departamento de Desenvolvimento Económico, Social e Cultural da Câmara Municipal de Albufeira que rege o seu funcionamento pelas normas definidas no seu Regulamento Interno, aprovado em Dezembro de 2008, um documento onde são expressas as regras que pautam e regulam o acesso à Biblioteca, a consulta e a utilização dos documentos, a requisição e utilização domiciliária dos mesmos, respetivos prazos de devolução e, bem assim, os direitos e deveres dos utilizadores da Biblioteca Municipal. Este regulamento foi recentemente atualizado e aprovado em Assembleia Municipal, no entanto só entrará em funcionamento quando for publicado em Diário da República, data para a qual ainda não há previsão.

A Biblioteca Municipal Lúdia Jorge situa-se no centro da cidade de Albufeira, numa zona predominantemente residencial, com proximidade de todo o tipo de transportes públicos e acessos rodoviários.

O seu horário de funcionamento foi fixado por deliberação da Câmara Municipal e situa-se de terça a sexta-feira das 9h30 às 19h15 e ao sábado e segunda-feira das 11h30 às 13h e das 14h às 19h15, encerrando ao domingo.

É uma biblioteca de perfil urbano frequentada maioritariamente por habitantes de Albufeira, de onde se destacam os estudantes, reformados, crianças e jovens; mas também se salienta a frequência de turistas e residentes estrangeiros.

O seu edifício tem linhas contemporâneas, apresentando-se como um equipamento cultural moderno, distribuído por dois pisos, com diferentes áreas tanto de acesso ao público como aos serviços técnicos (ver Anexo 1, foto 1 – pág. 60).

A biblioteca dispõe de amplos espaços públicos, iluminados com luz natural e compreende as seguintes áreas:

### **Áreas de acesso público:**

*Átrio* – zona de receção por excelência, onde se concentram o serviço de informação, o serviço de empréstimo domiciliário da Biblioteca, e o serviço de reprografia. (ver Anexo 1, foto 2 – pág. 60).

*Cafetaria* – zona dedicada à restauração, onde os visitantes ou funcionários podem tomar uma bebida ou uma refeição ligeira. (ver Anexo 1, foto 3 – pág. 61).

*Sala de Audiovisuais e Periódicos*, espaço dotado de dois terminais de acesso à Internet para utilizadores sem cartão de leitor. Este espaço reúne o acervo audiovisual colocado em livre acesso para visualização (com auscultadores) ou para empréstimo domiciliário; neste espaço também podem ser consultadas as publicações periódicas (jornais e revistas). (ver Anexo 1, foto 4 – pág. 61).

*Sala de Formação e Leitura*, espaço dotado de vários terminais de acesso à Internet para utilizadores com cartão de leitor. Nesta zona, disponibilizam-se as obras que compreendem o fundo bibliográfico bem como todo o material em suporte digital. (ver Anexo 1, foto 5 – pág.62).

*Sala Infanto-Juvenil* – Espaço dotado de bibliografia, materiais audiovisuais, terminais de acesso à Internet, sistema de som e vídeo para crianças e jovens de idade igual ou inferior a 14 anos e sistema informático para utilizadores invisuais.

O sector compreende ainda um espaço de *Bebeteca* para crianças com idades compreendidas até aos 3 anos e a *Sala da Hora do Conto* para atividades de animação da leitura. (ver Anexo 1, foto 6 – pág.62

*Sala Polivalente* – zona destinada, por excelência, à organização de atividades, nomeadamente, exposições, formações, encontros e eventos culturais, sendo que a lotação máxima da sala-polivalente é de 90 lugares sentados. Constitui um espaço privilegiado de promoção do livro e da leitura, assim como de outras iniciativas de índole cultural e de manifesto interesse municipal, a sua utilização destina-se prioritariamente a atos organizados ou apoiados, pela Biblioteca e pela Câmara Municipal de Albufeira. No entanto, a utilização do espaço, por outras entidades, é gratuita e poderá ser autorizada, mediante apreciação superior. (ver Anexo 1, foto 7 – pág. 62).

#### **Áreas de acesso restrito:**

*Gabinetes* – zonas de trabalho administrativo e biblioteconómicos, destinadas aos técnicos da Biblioteca, da Galeria Samora Barros e do Auditório Municipal.

*Depósito* – espaço projetado para o armazenamento e arrumação de material bibliográfico deteriorado, duplicado ou adquirido através de apoio municipal, e de equipamento vário.

*Copa* – zona de exclusiva utilização dos técnicos da Biblioteca para preparação e consumo das suas refeições.

#### **Missão**

A abertura de semelhante equipamento de utilização coletiva, por parte do executivo camarário, teve como missão dotar a população residente no concelho de Albufeira de um serviço público de reconhecida necessidade e utilidade, destinado, nomeadamente, a facilitar o acesso à cultura, à informação, à educação e ao lazer, contribuindo, assim, para elevar o nível cultural e a qualidade de vida dos cidadãos.

Assim, pretende-se estimular o gosto pela leitura e a compreensão do mundo em que vivemos; criar condições para a fruição da criação literária, científica e artística, proporcionando o desenvolvimento da capacidade crítica do indivíduo; conservar, valorizar, promover e difundir o património escrito, em especial o respeitante ao fundo local, contribuindo para reforçar a identidade cultural da região e, bem assim, difundir e facultar o acesso generalizado a documentação e informação útil e atualizada, em diversos suportes, relativa aos vários domínios de atividade, satisfazendo as necessidades do cidadão e dos diferentes grupos sociais e etários.

## **Objetivos**

De acordo com o seu Regulamento Interno, a Biblioteca Municipal Lídia Jorge, como equipamento cultural que é, tem como objetivos gerais:

*1 – Facilitar o acesso da população, através do empréstimo domiciliário ou consulta local, a livros, periódicos, documentos audiovisuais e outro tipo de suportes documentais, dando resposta às necessidades de informação, cultura, educação contínua e lazer, no pleno respeito pela diversidade humana, segundo os princípios definidos pelo Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas públicas.*

*1 – Incentivar o gosto pela leitura e promover a literacia, contribuindo para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.*

*2 – Valorizar e divulgar o património cultural e a memória coletiva do Concelho de Albufeira, nomeadamente através da organização e difusão do fundo local.*

*3 – Contribuir de uma forma criativa para a ocupação dos tempos livres da população.*

*5 – Orientar os serviços prestados e os conteúdos informacionais de acordo com as necessidades dos utilizadores.*

*6 – Qualquer atividade ou ação a realizar, deverá estar de acordo com os objetivos da Biblioteca sem o qual a cedência, empréstimo, quer do espaço, quer do equipamento a ela pertencente não poderá ser feito.*

## **Serviços**

Em termos de organização interna, e tendo em vista a prossecução dos seus objetivos, a BMLJ compreende 5 atividades distintas, também elas definidas no seu Regulamento Interno, sendo elas:

- 1 – Renovação e atualização constante dos seus fundos.*
- 2 – Organização e tratamento técnico dos seus fundos.*
- 3 – Gestão do empréstimo e circulação de documentos.*
- 4 – Promoção de exposições, conferências, sessões de leitura e outras atividades de animação cultural e de promoção da leitura.*
- 5 – Informação especializada ao leitor.*

No que concerne à sua organização externa a BLJ disponibiliza aos seus utilizadores serviços culturais e informativos diversificados, nomeadamente:

### **Consulta local**

Qualquer pessoa, mesmo que não possua cartão de leitor, pode consultar toda a documentação de livre acesso existente nas salas de Audiovisuais e Periódicos, de Leitura e Formação e Infanto-Juvenil. Se o documento pretendido se encontrar em depósito, uma vez que o seu acesso é condicionado, o utilizador deverá solicitar a sua consulta a um dos funcionários de serviço.

Os documentos existentes na BMLJ, independentemente do seu suporte, estão arrumados de acordo com a tabela de Classificação Decimal Universal (CDU), sistema que organiza o fundo documental dividindo-os por grandes temas do conhecimento.

Os documentos retirados das estantes para consulta devem ser deixados em cima das mesas ou no balcão de atendimento da respetiva sala, para que o funcionário de serviço os arrume posteriormente, de modo a manter o fundo documental organizado.

O visionamento e audição de documentos audiovisuais devem ser requisitados ao funcionário da respetiva sala, para posterior arrumação pelo funcionário.

## **Consulta do catálogo na página Web da Biblioteca**

Através da página web da BMLJ é possível pesquisar a sua base de dados, podendo a sua consulta ser feita em qualquer local que esteja ligado em rede. A informação que se obtém é de referência, tendo o utilizador de pedir posteriormente o documento na biblioteca.

De igual modo existe um computador disponível, com o programa de gestão documental *Koha* instalado, para que o utilizador pesquise autonomamente a base de dados da biblioteca.

## **Acesso gratuito à Internet**

O acesso à Internet é feito mediante a disponibilização dos equipamentos por parte do funcionário da respetiva sala, assim que for solicitado pelos utilizadores com cartão de leitor.

Os utilizadores que não tenham carta de leitor poderão aceder à Internet gratuitamente nos dois computadores disponíveis na sala de Audiovisuais e Periódicos, ou no seu próprio computador portátil através da rede sem fios da BMLJ, para o qual deverão solicitar a senha junto de um dos funcionários de serviço.

## **Acesso gratuito ao Diário da República eletrónico (I e II Série)**

Permite aos utilizadores a pesquisa no Diário da República eletrónico (I e II Série), exportar e imprimir os documentos desejados.

## **Empréstimo domiciliário**

Entende-se por empréstimo a cedência, por determinado período de tempo, de documentos para a leitura em espaços exteriores às instalações da Biblioteca. O empréstimo pode ser individual ou coletivo e faz-se mediante a apresentação do Cartão de Leitor. São suscetíveis de empréstimo domiciliário os livros, os documentos audiovisuais e documentos *multimédia*.

Não são suscetíveis de empréstimo os documentos, as publicações periódicas, as obras de referência (dicionários, enciclopédias, bibliografias, diretorias, etc.), e alguns fundos

devidamente assinalados (por meio de carimbos e de outros sinais gráficos colocados nos documentos pelos serviços da Biblioteca).

O número de obras para empréstimo individual será de 3, por um período de 15 dias seguidos, o qual pode ser prorrogado por igual período, desde que não haja interessados em lista de espera e que a devolução tenha sido efetuada dentro do limite atrás referido.

O número de documentos audiovisuais e *multimédia* para empréstimo individual será de 2, por um período de 3 dias seguidos improrrogáveis.

O empréstimo coletivo é devidamente analisado e autorizado, no caso de escolas, serviços da Câmara Municipal de Albufeira, instituições públicas ou privadas, grupos de leitores organizados ou outras bibliotecas, mediante preenchimento de ficha em nome de um representante/responsável, no balcão de atendimento da Biblioteca, podendo ser requisitados um máximo de 10 documentos por um prazo máximo e improrrogável de 15 dias seguidos.

Após ser ultrapassado o tempo de tolerância (1 dia), o leitor fica impedido de requisitar documentos, sendo que por cada dia de atraso se contabilizam dois sem possibilidade de empréstimo.

### **Empréstimos *inter-bibliotecas***

Atualmente está em curso um estudo entre as bibliotecas do Algarve para que os empréstimos *inter-bibliotecas* se possam agilizar. Formalmente ainda não existe um procedimento padrão a adotar quando estas situações surgem.

Em termos práticos estes são realizados, pois o utilizador faz o pedido do título pretendido na biblioteca onde está inscrito, esta entidade entra em contacto com as bibliotecas da região para averiguar se o título está disponível para empréstimo; e, se possível, os livros são enviados pelo correio ou levados em mão, por parte dos próprios funcionários da biblioteca, numa tentativa de reduzir custos.

### **Fotocópias em regime de auto serviço**

As fotocópias funcionam em regime de auto serviço, mediante a aquisição de cartão magnético com pré-pagamento, recarregável na Receção da BLJ. O preço da fotocópia encontra-se definido pela tabela de taxas e licenças municipais. Cada utilizador poderá

efetuar um máximo de 30 fotocópias por documento, com exceção da legislação aplicada a concursos públicos.

Para efetuar impressões de conteúdos o leitor terá que informar o funcionário responsável pela *Sala*. O leitor pode imprimir gratuitamente até 5 (cinco) folhas A4 a preto/branco. A 6ª impressão corresponde, por analogia, ao preço de uma fotocópia, definido na tabela de taxas e licenças municipais.

### **Atividades de promoção do livro e da leitura**

Ao longo dos anos têm sido desenvolvidas na BMLJ várias atividades relacionadas com a promoção do livro e da leitura, destinadas tanto ao público adulto como ao público mais jovem. Durante o período em que realizei o estágio pude presenciar algumas delas, bem como informar-me, junto do funcionários e dos utilizadores, acerca de atividades que tivessem sido realizadas dentro deste âmbito. Assim, as atividades de promoção da leitura, realizadas pela BMLJ poderão dividir-se em duas vertentes principais:

#### **Público adulto**

- Atividades propostas e organizadas pela biblioteca, como por exemplo, apresentações de livros, *workshops*, conversas com autores, conferências temáticas, etc.;
- Atividades semelhantes às acima referidas, mas propostas por entidades externas, como por exemplo: editoras, autores locais, associações de desenvolvimento local, etc., que representem evidente interesse para os utilizadores da BLJ.

#### **Público infanto-juvenil**

##### Atividades internas

- Atividades realizadas dentro do próprio espaço da biblioteca, propostas e organizadas pelos seus técnicos, como por exemplo:  
Comemoração de dias temáticos (dia mundial do Livro, dia do autor português, dia da Criança, etc.);

- Atuação de grupos de teatro infantil contratados;
- Hora do Conto – atividade semanal, de necessária inscrição prévia, dirigida às turmas de jardim-de-infância e de 1º ciclo das escolas do ensino básico do concelho de Albufeira. É feita a leitura de contos e histórias infantis e desenvolvida uma atividade com as crianças relativa ao conteúdo da história apresentada.
- Hora do filme infantil - atividade semanal, de necessária inscrição prévia, dirigida às turmas de jardim-de-infância e de 1º ciclo das escolas do ensino básico do concelho de Albufeira. É visionado um filme e posteriormente as crianças pintam um desenho alusivo ao filme apresentado.
- Visitas à biblioteca - A BMLJ organiza, semanalmente, visitas à biblioteca, para grupos de alunos das escolas do concelho e eventuais interessados. Com esta iniciativa pretende-se dar a conhecer os recursos didáticos e pedagógicos que a BMLJ possui e, simultaneamente contribuir para a divulgação deste equipamento cultural.  
As visitas são orientadas por técnicos, percorrendo as áreas temáticas e lúdicas existentes, bem como as demais valências da biblioteca.
- Contos ao entardecer – leitura e dramatização de histórias, quinzenalmente, às 6ªs feiras, às 18h, dirigida a crianças dos 3 aos 8 anos, acompanhadas pelos pais. É uma atividade cujos objetivos se centram na promoção da leitura junto dos mais novos e na criação de novos públicos para a biblioteca.
- Programa de ocupação de tempos livres para jovens, durante as férias do Natal, Páscoa, Carnaval e Verão;

## Atividades externas

São consideradas atividades externas, todas as atividades que, visando a promoção da leitura, sejam realizadas fora do espaço físico da BMLJ.

- *AEIOU, o leitor és tu* – inserido nas atividades do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE), o *AEIOU, o leitor és tu* funciona como um clube de leitura. Consiste em visitas mensais, por parte dos técnicos responsáveis pelo SABE, às bibliotecas escolares (BE) das escolas do 1º ciclo do ensino básico, que se tenham inscrito nesta atividade no início do ano. Pressupõe uma partilha de histórias, entre os alunos a partir do 3º/4º ano e os técnicos. Essas histórias podem ser sugeridas pelos próprios professores e a equipa do SABE faz-lhe uma abordagem prévia, diferente e de uma forma lúdica e expressiva; ou pode ser decidida pelas próprios técnicos. Posteriormente é a vez de os alunos mostrarem no que estiveram a trabalhar durante o mês de interregno.
- Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) – ao SABE compete apoiar as BE's, estimulando a sua criação onde não existam ou acompanhando o desenvolvimento das existentes; promover a articulação das BE's com a biblioteca municipal, procurando formas de cooperação e rentabilização de recursos; fornecer recursos físicos e de informação às BE's, nomeadamente às escolas de menor dimensão, e apoiar projetos específicos; prestar colaboração técnica às escolas no domínio da organização, gestão e funcionamento das bibliotecas escolares e apoiar o uso eficaz dos recursos, através do aconselhamento na seleção dos recursos ou no desenvolvimento do serviço de biblioteca.
- Biblioteca de praia - a biblioteca de praia funciona num quiosque oferecido pela ABAE - Associação Bandeira Azul da Europa e lá é disponibilizado para empréstimo, desde 2006, um conjunto diversificado de livros, jornais e revistas. (ver Anexo 1, foto 8 – pág. 64) permitindo a todos desfrutar do prazer da leitura num ambiente veraneante, de 2ª a 6ª feira, entre as 9h30 e as 18h.

- Biblioteca vai ao mercado – a partir de Março de 2013, integrado no plano de dinamização do mercado municipal dos Calieços, em Albufeira, a BMLJ passou a ter uma banca de livros, naquele mesmo espaço. O seu funcionamento é entre as 9h00 às 13h00, todas as 4ºas feiras, de modo a possibilitar aos utentes do mercado o acesso e o empréstimo de livros da biblioteca.

### **Animação cultural**

A BMLJ, como equipamento cultural que é, realiza com regularidade eventos e atividades que visam criar condições para a fruição da criação literária, científica e artística, proporcionando o desenvolvimento da capacidade crítica do indivíduo; conservando, valorizando, promovendo e difundindo o património escrito, em especial o respeitante ao fundo local, contribuindo para reforçar a identidade cultural da região, satisfazendo as necessidades do cidadão e dos diferentes grupos sociais e etários. Durante o período de estágio pude presenciar atividades culturais diretamente organizadas pela BMLJ, como por exemplo:

- Acolhimento do Encontro de Bibliotecas Publicas, organizado pela Delegação Regional do sul da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) em Novembro de 2012;
- Várias apresentações de obras literárias de escritores nacionais;
- Exposição itinerante das ilustrações do livro «Histórias da Ajuda 2012».

E outras, organizadas por outras entidades não diretamente relacionadas com a biblioteca, mas que viram nela, mais especificamente na sua sala polivalente, o espaço físico ideal para realizar os seus eventos, como por exemplo:

- Exposição e sessão pública sobre o centenário de Álvaro Cunhal, organizada pela Comissão Concelhia de Albufeira do Partido Comunista Português;
- Conferências e *workshops* mensais da Associação Brahma Kumaris.

## **Fundo documental**

A BMLJ conta atualmente com um acervo de 41.363 monografias, 2.439 CD's de música, 378 CD-ROM , 2.786 DVD's, 1.272 VHS e 9 *audiobooks*.

Os jornais/revistas temático(a)s ainda estão a ser inserido(a)s no programa Koha pelo que não é possível, por enquanto, contabilizá-lo(a)s.

## **Recursos humanos**

A Biblioteca Municipal Lídia Jorge conta, ao momento do meu estágio, com 3 técnicos superiores da área de Biblioteca e Documentação, 12 assistentes técnicos da área de Biblioteca e Documentação e 2 assistentes operacionais para trabalho administrativo.

A limpeza e segurança do espaço são realizadas por 5 assistentes operacionais que, não estando afetos à Divisão da Cultura, trabalham num regime de rotatividade e em outros espaços camarários simultaneamente.

O espaço da BMLJ serve também para alojar os gabinetes de alguns funcionários da Divisão de Cultura, nomeadamente da Galeria Samora Barros e do Auditório Municipal, destacando-se o papel da Dra. Daniela Ramos, técnica superior de Educação e Intervenção Comunitária, que não estando diretamente afeta à biblioteca, mas sim à Divisão de Cultura, é a responsável pela dinamização do setor infanto-juvenil.

## **Circuito documental**

O funcionamento da BMLJ é assegurado por uma equipa multidisciplinar e dela dependem as diversas fases do circuito documental, sendo que cada um dos técnicos tem a sua responsabilidade no processo.

Não existindo, à data, nenhum manual de procedimentos relativo ao tratamento documental da BMLJ, quando o documento dá entrada na biblioteca é feito o seu registo, colocado o carimbo da BMLJ e o alarme. Esta fase inicial é levada a cabo por uma assistente operacional e por uma assistente técnica de BAD.

O documento é então entregue aos assistentes técnicos, que o irão catalogar. Depois do livro ser catalogado segue para os dois técnicos superiores fazerem a classificação e a indexação. Entre eles esta fase é dividida, sendo que um faz a classificação e a indexação das classes 1, 3 e 7; e o outro faz as restantes.

Em seguida o documento segue para uma assistente operacional, que faz a sua etiqueta com a respetiva cota. Na BMLJ os livros têm etiquetas da cor da classe a que correspondem, de acordo com as normas da CDU (Classificação Decimal Universal), sistema pela qual são dispostas as obras nesta instituição. Sendo portanto: etiqueta castanha para as Generalidades (classe 0); etiqueta amarela para a Filosofia/Psicologia (classe 1); etiqueta azul clara para Religião e Teologia (classe 2); etiqueta azul para as Ciências Sociais (classe 3); etiqueta cinza para a Matemática/Ciências Naturais (classe 5); etiqueta vermelha para as Ciências Aplicadas (classe 6); etiqueta lilás para a Arte/Desporto e Lazer (classe 7); etiqueta verde para a Linguística/Literatura (classe 8) e etiqueta laranja para a Geografia/História (classe 9).

Brevemente, para minimizar gastos, todas as cotas irão passar para uma etiqueta branca, parametrizada no computador, com um símbolo diferente para cada classe, e que possa ser impressa por qualquer funcionário.

Por fim, depois do livro etiquetado, um assistente técnico de BAD imprime os códigos de barra do livro através do Koha e o livro é arrumado na prateleira, ou afixado em espaço próprio se for novidade.

### **O programa Koha**

O *software* Koha é uma solução *open-source* para gestão integrada de bibliotecas. Koha é o primeiro software de sistema de bibliotecas integrado livre e de código aberto. O seu desenvolvimento é patrocinado por bibliotecas de vários tipos e tamanhos, voluntários e empresas de todo o mundo.

Este *software* é composto por vários módulos dando suporte a todas as atividades realizadas no contexto de uma biblioteca: catálogo em-linha, catalogação, gestão de autoridades, circulação, gestão de utilizadores, aquisições, periódicos, relatórios, administração e ferramentas. O Koha está traduzido em cerca de 100 idiomas, incluindo o português, e encontra-se implementado em mais de 900 instituições em todo o mundo.<sup>1</sup>

A implementação do programa Koha na BMLJ, a primeira biblioteca municipal a adotar a sua utilização, surgiu através de uma sugestão do departamento de Informática da autarquia, uma vez que a assistência dada pelo Docbase, programa de gestão documental anteriormente usado, para além do custo avultado, era insuficiente. Como a migração para outro programa implica custos avultados a mudança foi sendo adiada, mas em 2011 foi

---

<sup>1</sup> <http://www.keep.pt/produtos/koha/>

encontrada esta solução. O programa Koha permite a adequação às necessidades e critérios de cada biblioteca e a assistência é feita pelos técnicos da autarquia. Neste momento quase todas as bibliotecas escolares do concelho de Albufeira têm as suas bases de dados migradas e estão a utilizar este programa. É um programa vocacionado para trabalhar em rede e com grandes bases de dados dispostas em rede, como são as das bibliotecas municipais ligadas às das bibliotecas escolares. Futuramente prevê-se a criação de um cartão único, em que cada aluno, desde que inscrito numa biblioteca escolar do concelho, possa requisitar um livro em qualquer biblioteca da mesma rede concelhia.

De acordo como os bibliotecários da BMLJ, as principais dificuldades encontradas foram parametrizar os critérios de utilizadores e os critérios de penalização por atraso nas devoluções.

## **Parte II – A promoção da leitura**

### **A importância da leitura**

O ato de ler pode ser cabalmente considerado como ‘a capacidade que o indivíduo possui de, uma vez dominadas as técnicas de decifração gráfica, interpretar, fazer inferências, analisar criticamente e compreender o conteúdo de um texto’ (SANTOS, E. 2000:21). Num passado não muito longínquo, o domínio destas habilidades seria o necessário para se ser considerado um bom leitor. O cidadão alfabetizado era portanto aquele que identificava e sabia juntar as letras, construindo palavras e frases, opondo-se ao analfabeto, que não tinha conhecimento de tais técnicas.

Ao longo do último século, em consequência das próprias transformações registadas na sociedade, com o avanço científico e tecnológico, deu-se um alargamento do conceito da leitura e os estudiosos desta temática são consensuais na dificuldade em definir este conceito, por se tratar de um processo complexo e multifuncional. Assim, de acordo com Elvira Moreira dos Santos (2000:22), ‘ler é parte do processo linguístico. Consiste em descodificar a linguagem, expressa em sinais gráficos convencionais, extraíndo deles um significado.’ É um instrumento valiosíssimo e imprescindível ao indivíduo que se quer ativo, participante e útil à sociedade. ‘Ler tornou-se o meio privilegiado para se ter acesso ao saber, teórico e prático e de se conquistar a autonomia na aprendizagem, vista hoje em dia como um processo dinâmico e sempre inacabado’. O domínio da leitura põe, assim, à disposição de quem lê a possibilidade de compreender melhor o mundo que a rodeia, bem como de dar resposta às suas pretensões sociais, técnicas e profissionais.

Não nos cabe aqui referir todos os complexos aspetos implicados no processo de leitura, nos seus níveis ou modelos; mas queremos realçar claramente a ideia de que a leitura não começa com a entrada na escola primária.

Aderimos à definição de JOLIBERT, J. (1998:19), em que ler ‘ é atribuir diretamente sentido ao escrito’ (...) ‘sem ter como intermediários: nem a decifração (letra a letra, palavra a palavra), nem a leitura em voz alta. Ler é questionar o escrito como tal, a partir de uma expectativa real’ (...) ‘ numa autêntica situação de vida. Questionar um texto é formular hipóteses de sentido, a partir de indícios’ (...)’ e verificar essas hipóteses. Este *questionar* desenvolve-se por meio de uma estratégia de leitura que não tem nada a ver com a decifração linear e regular a partir da 1ª palavra da 1ª linha para chegar à última palavra da última linha. E varia de leitor para leitor e para um mesmo leitor, (...) um mesmo artigo pode, em momentos diferentes, fornecer informações diferentes.’

Josette Jolibert (1998:20) afirma ‘ler é ler escritos autênticos que vão do nome de uma rua escrita num cartaz a um livro, passando por um anúncio, (...), etc., em situações de vida «a sério», como dizem as crianças. É a ler de verdade, desde o início, que se aprende a ler e não aprendendo a ler primeiro.’ Ou seja, quando uma criança se encontra perante uma situação de vida em que tem necessidade de ler um texto, isto é, de lhe apreender o sentido, essa criança mobiliza as suas competências anteriores e elabora estratégias para realizar a tarefa. ‘Não se ensina uma criança a ler, é ela que aprende a ler com a nossa ajuda’ e ‘com a ajuda de todos os leitores que encontra’.

Para Paulo Freire (1981) ‘ o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta. Eu, porém, sou capaz de não apenas sentir a caneta, de perceber a caneta, de dizer caneta, mas também de escrever caneta e, conseqüentemente, de ler caneta. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizado. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora.’ Ou seja, a ‘ leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.’ (...) ‘Este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de *escrevê-lo* ou de *reescreve-lo*, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.’ Este movimento dinâmico é um dos aspetos centrais, para o autor, do processo de alfabetização.

Inicialmente a criança não dispõe de meios linguísticos adequados para se exprimir com clareza. Por isso, ela desenvolve uma estratégia que age sobre o seu interlocutor, apontando para o objeto do seu desejo (um brinquedo, um doce, etc.) ou expressando uma ação que ela deseja ver esclarecida (saber o nome de algo, pedir um beijinho, etc.). Deste

modo, a criança conseguirá obter uma resposta imediata, não-verbal e/ou verbal. Não-verbal será a resposta que, porque atuante, oferecerá à criança o que ela queria, ou seja, ‘a resposta ao poder de agir sobre os outros, as suas primeiras influências intencionais sobre o ambiente imediato. Mas normalmente, esta resposta *agida* será quase sempre acompanhada de uma resposta verbal, principalmente no sentido de nomear o que a criança está a apontar. Este nome que ela recebe então do seu interlocutor irá aproximá-la do mundo dos falantes.’ (...) ‘Assim, pouco a pouco, a criança compreenderá, para depois poder usá-las, as etiquetas verbais de cada objeto e de cada conceito, que a rodeiam. O pequeno ser em desenvolvimento obterá assim um cada vez mais poderoso instrumento cognitivo. Ele ganhará ainda segurança, compreendendo melhor o mundo à sua volta; autoconfiança, sabendo que pode ter uma influência direta sobre os outros e obter deles respostas adequadas e autonomia’, possuindo um meio linguístico e cognitivo que o permita crescer (RIGOLET, S. 1997:15).

Para além do gesto, Rigolet refere ainda o quanto importante e relacionado com o nascimento da linguagem parece o olhar. O ‘contato ocular facilita a criação de um terreno de entendimento que irá possibilitar a descodificação das mensagens recebidas’.

(...) ‘ O recém-nascido só vê nitidamente a uma distância de mais ou menos 30 centímetros, distancia esta que corresponde ao espaço que separa a cara do bebé da cara da pessoa que o segura nos braços, posição que assegura ainda a audição simultânea dos batimentos cardíacos.’ (...) ‘A combinação do elemento visual com o elemento sonoro constitui um estímulo importante para o recém-nascido, criando um ambiente favorável ao seu desenvolvimento psicoafectivo.’ São os gestos, os movimentos, os sons e o olhar; os primeiros elementos que permitirão à criança uma primeira ligação ao mundo e que lhe darão a capacidade de interpretar o ambiente que lhe é próximo para, no futuro, aceder a um mundo mais longínquo e comunicar totalmente com ele.

Em suma, encaramos a leitura como ‘um dos aspetos do desenvolvimento da linguagem, intrinsecamente ligado aos outros aspetos e iniciado paralelamente a estes últimos, ou seja, desde o nascimento da criança’ (RIGOLET, S.1997:26). Como afirmou Foucambert, J. (1976)<sup>2</sup>, citado por Rigolet, ‘ toda a significação funcional da leitura está presente na criança desde o seu nascimento: a leitura, no seu valor afetivo e relacional, é um constituinte do seu meio de vida como a palavra’ (...). ‘O que é particularmente interessante é que estas formas de escrita são repetidas e beneficiam de uma frequência

---

<sup>2</sup> Foucambert, J. (1976). *La manière d’être lecteur – Apprentissage et enseignement de la lecture de la maternelle au CM2*, O.C.D.L.-SERMAP-Paris.

que as coloca muitas vezes ao mesmo nível da linguagem oral, com a vantagem sobre esta de uma permanência na duração e de uma grande facilidade de evocação’.

### **O valor afetivo e funcional da linguagem**

Um desenvolvimento cognitivo harmonioso passa por um domínio progressivo das diversas áreas onde a atividade humana é manifesta. A criança deve ser estimulada a todos os níveis, porque ela vivencia uma época de um dinamismo fantástico e de uma assimilação excelente. Por isso, o adulto, seja familiar ou seu educador, ‘tem a responsabilidade de evidenciar o valor afetivo e funcional da linguagem, demonstrando-lhe quanto a leitura é parte integrante de um instrumento social e cognitivo amplo e imprescindível.’ (RIGOLET, S.1997:18). O valor afetivo da linguagem é muitas vezes negligenciado pelas escolas e entidades oficiais e só pode existir se, segundo Rigolet, ‘se se estabelece uma relação entre o livro, o seu conteúdo e o leitor. ‘ (...)’ O conteúdo apreendido pelo ato de leitura deve dizer respeito à experiência vivida pelo leitor, portanto rica em expressão de afetos, através dos quais este pode encontrar um fiel espelho dos seus sentimentos provocados pelas suas vivências (...)’ .Estabelecendo uma relação íntima entre si e o livro, a criança-leitora decide manter, aprofundar e definir esta mesma relação, a cada nova leitura.

Já considerámos aqui que a leitura constitui uma parte da *leitura do mundo* que cada indivíduo faz. Mundo este constituído por pessoas, objetos, conceitos, por tudo o que existe no ambiente em que está inserida a criança. Mas para este mundo constituir uma verdadeira riqueza cultural, defende Rigolet, ‘os educadores da criança têm o dever de a submeter a uma observação aprofundada deste mundo, a fim de a submeter a pouco e pouco no que é a sua cultura, e de formar nela o sentido de um olhar atento e de uma progressiva tomada de posição em relação a tudo o que a rodeia. Este olhar crítico sobre o mundo não é um dado em si, mas uma opção que a criança tem de ser ensinada a tomar: saber olhar para poder aprender, aprender para saber comunicar.’

Atualmente, a cultura das nossas sociedades é transmitida maioritariamente pela linguagem escrita, sendo-nos permitido constatar que ‘não saber ler o mundo’ de uma forma eficaz faz muita falta às ditas pessoas *analfabetas funcionais* – população em aumento constante em todo o mundo - pessoas aparentemente escolarizadas mas cujo grau de literacia as torna incapaz de exercerem funções básicas na sociedade contemporânea, como seja a obtenção de sucesso escolar ou o acesso a tudo o que seja

cultura escrita. Por outras palavras, um individuo letrado deve ser capaz de obter e perceber a informação nos diferentes suportes em que esta é apresentada e de compreender ideias novas para as usar quando necessárias. Segundo Vítor Cruz (2007:69) ‘ler não se limita somente à descodificação e reconhecimento das palavras, mas significa essencialmente, compreender a mensagem escrita de um texto, sendo a compreensão o objetivo final da leitura’. Este autor salienta ainda que ‘estudos atuais sobre o funcionamento do cérebro na aprendizagem da leitura mostram que ler é um processo complexo e individual. É complexo porque envolve todo o cérebro e a coordenação de um conjunto de competências. É uma tarefa individual porque cada leitor aprende a ler de modos e níveis diferentes’. (2007:175) Desta forma, ao leitor cabe um papel ativo na medida em que é este que faz o processamento do texto lido, atribuindo-lhe significado, relacionando as suas experiências pessoais passadas com as novas informações que advêm da leitura. Esta ideia é reforçada por Sardinha (2007), que destaca que esses esquemas interpretativos ‘dependem do contexto social do sujeito, da capacidade de concentração e também das oportunidades motivacionais. Em diferentes ocasiões, o mesmo leitor pode ler o mesmo texto, construindo significados diferentes. Do mesmo modo que leitores diferentes, embora possam partilhar os mesmos significados na leitura de um texto, também podem fazer leituras diferentes’. Neste sentido, considera a autora, cabe ao leitor ‘abordar o texto com as suas estruturas cognitivas, linguísticas, culturais e afetivas’. Refere também que se a ‘leitura fosse interpretada como simples descodificação, o texto não passaria de uma apreensão sucessiva de frases à espera de ser desvendado’.

Neste trabalho não pretendemos apresentar um exaustivo estudo sobre o processo e a aprendizagem da leitura, pois não é esse o tema central do nosso estudo, contudo, dada a importância que a leitura assume em todo o processo de aprendizagem ao longo da vida, é nosso propósito enunciar e refletir sobre alguns fatores que poderão ter implicações positivas e negativas no sucesso de uma criança que inicia o seu processo de aprendizagem de leitura.

Achamos que uma explicação para o preocupante fenómeno atual – o analfabetismo funcional – deve ser, segundo Rigolet (1998:30), ‘procurada no início da formação da criança, muito antes da entrada na escola. A autora afirma que ‘a colocação aos três meses de idade numa estrutura que não é a casa da criança, em condições frequentes de sobrelocação e de duração diária prolongada, chegando a atingir por dia as doze horas ininterruptamente, representa condições que não podem de maneira alguma constituir o

lugar apropriado para formar a criança nesta leitura do mundo.’ Concordamos com a autora quando esta questiona a ‘disponibilidade, formação, ou vivência suficientemente agradável’ dos pais da criança, para, após um dia de trabalho tantas vezes arrasador, serem capazes de ‘transmitir à criança o tal gosto pela procura desta leitura do mundo’. Uma leitura que, como já referimos, para além de criar uma forte relação afetiva entre os intervenientes, ‘permitisse um olhar crítico e construísse um novo mundo de experiências, que respondesse satisfatoriamente às suas diversas leituras: a da similitude com as vivências dos seus leitores e a da diversidade, constituindo um termo de comparação enriquecedor, onde a diferença, contrapondo-se à semelhança, justificaria o respeito do pequeno leitor pelo outro.’ (RIGOLET, S.1998:31)

Também para esta autora, existe uma outra ordem de razões que influenciam negativamente o sucesso escolar das crianças: ‘o material usado para o ensino da linguagem escrita corresponde às vivências de apenas uma parte da população, a parte que precisamente pertence à língua dominante, política e economicamente mais influente de um país’. Assim, o material de apoio utilizado pelas entidades responsáveis é concebido sem ter em conta as grandes diferenças de realidades e não permite à criança-leitor, cuja experiência do mundo é ainda limitada devido à idade e ao isolamento em que vive algumas populações minoritárias, uma identificação com as referências nele contidas. Se uma criança lê um texto sobre o mar, mas nunca o viu ou sentiu pois vive a 200 quilómetros dele, é provável que não se interesse por essa leitura, constituída como uma barreira cultural quase inultrapassável. Se por outro lado colocássemos as crianças educadas nos valores expressos nos manuais e livros da dita cultura maioritária, perante referências desconhecidas por completo, veríamos que o pólo do insucesso escolar e das dificuldades de leitura e identificação, também se deslocaria.

Torna-se fundamental, então, que as práticas profissionais dos educadores, professores, dinamizadores de biblioteca, em suma, todos os que trabalham em prole da literacia, sejam parte integrante do processo de inclusão informacional, digital e comunicacional. Combater a literacia é diminuir a discrepância social, facilitar o crescimento pessoal e profissional dos indivíduos e favorecer o desenvolvimento da inteligência coletiva.

### **A evolução linguística das crianças**

De acordo com Williams, Wagner, Torgesen e Adams, citados por F.L.Viana (1998), existem fortes correlações entre a consciência fonológica e a aprendizagem da leitura.

Por consciência fonológica entende-se a ‘capacidade para refletir sobre os segmentos sonoros das palavras orais’ (SIM-SIM, SILVA e NUNES, 2008:48). É portanto, a capacidade de analisar e manipular segmentos sonoros de tamanhos diferentes, como as sílabas e os fonemas que formam as palavras.

Do ponto de vista fonológico, os primeiros meses de vida de uma criança são caracterizados pelas manifestações de palreio e riso (2-3 meses), seguindo-se a reduplicação silábica que, por sua vez, dá lugar à produção de sílabas simples, acompanhadas de gíria entoacional e o aparecimento das primeiras palavras (entre os 9 e os 14 meses). Durante os primeiros doze meses de vida, a comunicação da criança é caracterizada pela repetição frequente da mesma sílaba ou som. Aos poucos vai descobrindo as possibilidades motoras, articulatórias e desenvolvendo assim o *feedback* auditivo, aproximando-se do padrão adulto (VIANA,1998). Por volta dos três anos, a criança atinge a maturação discriminatória que lhe permite identificar os sons da sua própria língua. As primeiras palavras marcam um momento significativo na vida da criança e acontecem entre os nove e os doze meses de idade.

Nos primeiros meses de vida, o crescimento lexical progride a um ritmo vertiginoso e é fortemente influenciado pelas vivências da criança. A evolução lexical contempla a aquisição de novas palavras e também a relação entre elas. Apesar do ritmo de desenvolvimento da fala variar muito de criança para criança, espera-se que o sistema fonético-fonológico esteja completo por volta dos quatro ou cinco anos de idade. (SIM-SIM, SILVA e NUNES, 2008).

Segundo Adams, Foorman, Lundberg e Beeler (2007), citados por REGO, A. (2000:24) as crianças devem entender que os sons associados às letras são precisamente os mesmos sons da fala. Parece básico para quem já sabe ler, mas a noção de que a linguagem falada é composta por sequências desses pequenos sons não é fácil de entender, nem surge naturalmente em seres humanos. Por esse facto, o desenvolvimento da consciência fonológica pressupõe o uso de metaprocessos linguísticos específicos que se interligam com os mecanismos cognitivos, assumindo atividades de reflexão sobre a linguagem e a sua utilização, assim como, as capacidades do indivíduo em controlar e planificar os seus processos de tratamento linguístico.

Assim sendo, a consciência fonológica não se trata de uma simples consequência do crescimento cognitivo ou linguístico da criança, uma vez que exige estímulos especiais e está intimamente relacionada com a sua leitura do mundo.

Para Fátima Sequeira (2000), os aspetos cognitivos subjacentes à aquisição e desenvolvimento da linguagem e à aprendizagem da leitura e da escrita são problemas que, ultimamente, mais têm interessado os psicolinguistas. Com base nestes estudos, Rigolet elaborou um quadro sucinto, que abaixo apresentamos, pretendendo ajudar quem, não se tratando de especialista em psicolinguística, pretenda entender como decorre a evolução linguística da criança.

<b>Como seguir a evolução linguística da criança</b>		
<b>Precoce (0-4 anos)</b>	<b>4-6 anos: em transição</b>	<b>Tardio (6-12 anos)</b>
- Linguagem repetitiva (permite antecipação)		- Linguagem diversificada; repetição redefinida pela redundância
- Linguagem funcional e simples		- Linguagem complexa e em expansão
- Próxima da linguagem oral (com onomatopeias)		- Prolongamento das vivências pessoais; expressões linguísticas próprias
- Tradução possível ao nível da imitação motora		- Interiorização dos movimentos possibilitando controlo mental
- Verbos de ação; construção espaço-temporal		- Verbos de pensamento e de sentimento
- Substantivos contextualizados		- Substantivos abstratos
- Adjetivos simples exprimindo estados de emoção		- Adjetivos e pronomes (numerais, de tamanho, possessivos...)
- Construção sintática simples, curta		- Passagem de parataxe e hipotaxe
- Justaposição e coordenação		- Subordinadas, mais compridas e mais complexas
- Ordem linguística tem de corresponder à ordem temporal		- Ordem linguística diferente da ordem temporal dos eventos
- Uso único da voz ativa		- Uso possível da voz passiva
- Discurso direto		- Discurso indireto
- Gestos deícticos e paraverbais		- Substituídos pela pontuação e pelas preposições específicas
- Articulação pode ainda ser imperfeita		- Articulação deve ser clara
- Morfologia ainda rudimentar		- Morfologia, apurando-se ao longo do eixo sintagmático nas palavras funcionais e nos acordos
- Nível metalinguístico quase inexistente		- Competência metalinguística para a compreensão do humor linguístico e dos jogos de palavras, possível descodificação das ambiguidades, das metáforas e figuras de estilo
- Interpretação de texto rudimentar		- Interpretação e análise possíveis
- Leitura e escrita não adquiridas		- Leitura e escrita fluentes

## **A motivação para a leitura consoante a idade**

Formar leitores é mais do que ensinar técnicas de reconhecer letras e juntá-las para construir palavras ou frases. Como já referido, consiste em desenvolver-lhes a apetência e o gosto pela leitura, sublinhando o seu papel primordial: uma via de acesso ao conhecimento. Já em 1975, Bamberger, citado por SANTOS, E. (2000) chamava a atenção para o facto de que ‘os novos alfabetizados, qualquer que seja a sua idade, podem desencorajar-se se a leitura não fizer parte do seu ambiente cultural e se não tiverem, facilmente, acesso a livros que se conforme com os seus gostos.’

Hoje em dia, com a massificação do ensino, confluem nas escolas alunos de diferentes meios sociais, económica e culturalmente muito diversos, repercutindo-se nas instituições uma necessidade de abertura, pressupondo uma adaptação a diferentes padrões de aprendizagem e de discurso, ocorrendo uma necessidade de afastamento dos modelos heterogéneos pré-estabelecidos. Ou seja, ao pretender entender as diferenças das crianças, no que diz respeito à aquisição dos conteúdos de aprendizagem propostos pelas escolas e entidades oficiais, não é permissível ignorar os fatores sociológicos existentes, pois por detrás de muitos problemas de aprendizagem, estão carências aos níveis económicos e culturais, disfunções familiares, entre outros.

Relativamente à leitura, parece-nos evidente que a criança, que conviva de perto com livros ou com pessoas que habitualmente lêem, terá maior tendência e uma motivação mais acentuada para ler, do que outra criança a quem semelhantes hábitos sejam alheios. As primeiras desenvolvem, mesmo antes de entrar no ensino básico, uma noção do que a leitura lhes pode oferecer, tanto como instrumento de estudo, de trabalho ou de lazer. Por outro lado, as crianças que têm menos acesso a livros ou cujo círculo familiar não tenha hábitos de leitura, estarão menos sensibilizadas para o hábito de ler. A estas crianças é necessário um elevado estímulo e encorajamento, por parte dos educadores que as acompanham, para que adquiram e desenvolvam a capacidade e o hábito da leitura.

A aprendizagem da leitura, assim como todas as outras, deve alicerçar-se sobre a curiosidade e o desejo de aprender. Para a promover é necessário, antes de mais, saber o que é que pode contribuir para despertar o interesse por esta atividade. SANTOS, E. (2000:72)

Como afirma Bamberger (1975), citado por Santos (2000:72), ‘o jovem leitor (...) lê não porque se dá conta da importância da leitura, mas porque é incitado a ler por motivações e interesses diversos, correspondentes à sua personalidade e ao seu estágio de

desenvolvimento intelectual'. Definindo as motivações como 'as tendências e intenções determinadas logicamente, que guiam o comportamento' e os interesses como 'determinados por atitudes e experiências afetivas', o mesmo autor considera que 'o que uma criança aprende ou não aprende na escola depende, muitas vezes, mais dos seus interesses do que da sua inteligência'.

Segundo este autor, existem dois tipos de motivações e interesses, no que se refere à leitura: os de carácter geral e os que caracterizam as diversas idades os fases.

O simples prazer de pôr em prática as técnicas de leitura recentemente adquiridas e o entusiasmo resultante da descoberta de uma nova atividade intelectual são a primeira motivação que leva a criança a ler. Ela é impelida, também, segundo o autor, pela vontade de exercitar certas faculdades como o raciocínio e a imaginação e pela necessidade de conhecer melhor o mundo que a rodeia, enriquecendo as suas próprias ideias e experiências.

A leitura funciona ainda, segundo Bamberger, como resposta aos desejos da criança: 'prazer em encontrar coisas e pessoas familiares (histórias relacionadas com o meio em que a criança vive) ou de encontrar coisas e pessoas novas (livros de aventuras); desejo de se evadir da realidade e de viver num universo imaginário (contos de fadas, histórias fantásticas); necessidade de se afirmar, procura de ideias (biografias), de conselhos (obras documentais), de distrações (livros de desporto, etc.)'.

Para Bamberger, existem certas tendências de leitura, consoante a fase de desenvolvimento em que o leitor se encontra. Assim, o jovem leitor percorre cinco etapas, cada uma das quais é caracterizada pela preferência por um assunto ou género literário específico.

1º Etapa (entre os 2 e os 5/6 anos) - *Idade do livro de imagens e das poesias infantis*

Fase em que a criança percebe o mundo só em relação a ela própria, os livros de imagens ajudam-na a separar o seu 'eu' do meio envolvente. As poesias infantis agradam à criança devido ao jogo e ao ritmo das palavras e dos sons.

2ª Etapa (entre os 5 e os 8/9 anos) – *Idade do conto de fadas*

Fase em que a criança é particularmente sensível ao maravilhoso. No início, a criança gosta destas histórias porque se identifica com as personagens; depois, à medida que se afasta delas e as coloca num mundo longínquo e fantástico, ela começa a apreciar esse género de ficções enquanto jogos da imaginação.

3ª Etapa (entre os 9 e os 12 anos) – *Idade da história relacionada com o meio envolvente ou da descoberta dos factos pela leitura*

Nesta fase, a criança manifesta interesse e curiosidade perante coisas que a rodeiam, as quais, no entanto, devem ser expostas sob a forma de histórias ou de acontecimentos vividos.

4ª Etapa (entre os 12 e os 14/15 anos) - *Idade das histórias de aventuras*

Ao entrar na adolescência e coincidindo com o momento em que começa a romper com os seus laços anteriores e a tomar consciência da sua personalidade, agrada ao jovem, sobretudo, a intriga e o sensacional e, por isso, interessam-lhe os livros de aventuras, os romances com enredos sensacionalistas, os livros de viagens, etc.

5ª Etapa (entre os 14 e os 17 anos) – *Idade da maturidade ou do desenvolvimento da esfera literária e estética da leitura*

Do ponto de vista do desenvolvimento psicológico, este é o momento da descoberta do seu próprio mundo interior de egocentrismo crítico, da formação de um plano de vida e de diversas escalas de valores. Ao nível da leitura, a atenção, centra-se, agora, mais na forma e no conteúdo do que no desenrolar da intriga. Há também um deslocamento do interesse do mundo exterior, dos factos, para o mundo interior, das ideias e dos valores. Os livros mais apontados pelos jovens deste escalão continuam a ser os livros de aventuras (com um conteúdo intelectualmente mais rico) e de viagens, mas são também os romances históricos, as biografias, as histórias de amor, a literatura *engagéé*, bem como obras que tratam assuntos da atualidade ou relacionadas com a profissão que se pretende escolher.

Estudos recentes continuam a evidenciar que os interesses em leitura variam de acordo com as fases de desenvolvimento intelectual e psicológico.

Para Wigfield (2000), citado por MATA, L. e MONTEIRO, V. (2004), existem três aspetos centrais na motivação para a leitura; a motivação intrínseca e extrínseca; crenças e auto-percepções de competência e eficácia e também a motivação social. Quando os sujeitos estão intrinsecamente motivados realizam as atividades por sua própria vontade, pelo desafio e pela satisfação obtida na realização da mesma. Quando extrinsecamente motivados, os sujeitos realizam as atividades por razões externas, tais como o receberem uma recompensa. Os sentimentos de competência e eficácia são decorrentes das avaliações que se fazem sobre as capacidades e perícias pessoais em diferentes atividades.

Diferentes investigadores têm mostrado que as auto-percepções de competências em domínios específicos de aprendizagem estão relacionadas e têm valor preditor sobre as realizações do sujeito nessas mesmas áreas. As motivações sociais referem-se a motivações individuais relacionadas com os outros próximos. Este tipo de motivação é fundamental para a leitura pois, frequentemente, a leitura é uma atividade social. As crianças lêem na sala de aula e, em casa, as famílias lêem em conjunto.

Perante isto, Lourdes Mata e Vera Monteiro (2004), constataam que a conceção da motivação para a leitura é multifacetada. Assim, ‘não é muito apropriado, podendo ser demasiado simplista, pensar numa criança como motivada ou eventualmente desmotivada. Fará sim mais sentido olhar cada criança como podendo ser motivada de diferentes modos, ou estar desmotivada por razões diversas. Alguns estudos sobre a motivação para a leitura descrevem-na como um constructo multidimensional (Baker & Wigfield, 1999; Guthrie, & Wigfield, 1998) que se vai tornando estruturalmente mais complexo com a idade. À medida que as crianças vão crescendo é possível identificar cada vez mais e diferentes dimensões da motivação para a leitura, que vão sofrendo um conjunto de alterações como resultado tanto de processos de crescimento como das experiências escolares, familiares e sociais que a criança vai vivenciando e ainda dos níveis de sucesso que vai atingindo.’

Estas autoras realizaram um estudo - *O desenvolvimento da motivação para a leitura em crianças portuguesas* - em que procederam a uma reflexão sobre a motivação para a leitura em 1500 alunos portugueses, frequentadores do último ano do pré-escolar ao 9º ano de escolaridade, sobre as suas características, as suas diferentes dimensões e ainda o seu desenvolvimento.

Analisando as suas conclusões podemos destacar que, ‘à medida que as crianças vão crescendo e progredindo no percurso escolar foi possível identificar mais domínios motivacionais para a leitura, que, por sua vez, vão sofrendo um conjunto de alterações como resultado tanto de um processo de crescimento e desenvolvimento, como da própria experiência escolar de cada criança, e dos níveis de sucesso atingidos.

As crianças chegam à escola com elevadas expectativas de sucesso na leitura, curiosas sobre a aprendizagem e com aquilo que podem aprender através da leitura e com grande vontade de interagirem e partilharem com os outros as suas experiências de leitura e os conhecimentos adquiridos. Contudo, ao longo da escolaridade, verifica-se um declínio nos seus sentimentos de competência e nas suas motivações intrínsecas para se envolverem em tarefas e atividades de leitura. Este declínio ao longo da escolaridade pode

ser explicado mobilizando duas ordens de fatores. Por um lado as crianças tornam-se mais capazes de avaliar as suas performances e as dos outros e de proceder a comparações mais adequadas e reais. Assim a tomada de consciência de que não conseguem obter tão boas *performances* como alguns dos outros, pode originar uma baixa nalguns aspetos motivacionais, nomeadamente nos sentimentos de eficácia.’

Também as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores são apontadas, por estas investigadoras, como parte na origem de um declínio na motivação para a leitura destes alunos, pois ‘muitas práticas pedagógicas ignoram as vertentes significativas, comunicativa, agradável e significativa da literacia e focam-se essencialmente nas perícias a adquirir, no domínio da técnica, valorizando as comparações e a competição entre as crianças. Este tipo de abordagem pode levar a que as crianças acabem por deixar de a valorizar como algo funcional e de valor e se preocupem quase que exclusivamente com o seu domínio para compararem as suas realizações com as dos outros colegas’.

### **A importância da família e do contexto social**

Uma ideia comum ao discurso de muitos autores que investigam as motivações para a leitura é a de que são os familiares e a escola que desempenham os papéis fundamentais no fomento tanto da aprendizagem como do hábito de ler.

Na opinião de SANTOS, E. (2000:75) é no seio da família que a criança inicia, desde o seu nascimento, o seu processo de desenvolvimento físico, mental, psicológico, afetivo e social. No meio familiar, ela estabelece os primeiros contatos com o mundo e começa a socializar-se, ao adquirir determinados valores e normas de conduta. Deste modo, pode afirmar-se que, nos primeiros anos de vida, é a família que influencia mais decisivamente os comportamentos e as atitudes da criança.

Já a entrada na escola marca o início de uma nova e importante etapa, sobretudo no que concerne ao processo de socialização da criança e ao seu desenvolvimento cognitivo. Aí tem início a aprendizagem formal, cujo êxito dependerá, em larga medida, de uma aprendizagem de carácter informal, desenvolvida na família e no contexto social em que esta se insere.

A autora afirma ainda que, no domínio específico da leitura, essa aprendizagem informal tem importantes consequências ao nível da motivação e da própria aptidão para ler. Nesta lógica, cita Downing (1987), afirmando que, ‘apesar da crença generalizada de que as

crianças iniciam aprendizagem da leitura na escola, é provável que as suas experiências extraescolares exerçam igual ou maior influência neste processo’.

Importa, então, perceber que condições familiares favorecem a criação do interesse pela leitura e conseqüentemente a vontade de aprender a ler.

Vários autores procuraram identificar os fatores que, em contexto familiar, propiciam o desenvolvimento de hábitos de leitura e sugerem alguns aspetos que iremos considerar.

Existem várias condições familiares que propiciam o desenvolvimento de hábitos de leitura de uma criança e a motivação para ler. Entre eles, destaca RIBEIRO, D. (2011:14):

i) a frequência de leitura realizada com a criança; ii) a supervisão e o estímulo à leitura propiciados pelos pais; iii) as atitudes parentais, as suas crenças e expectativas; iv) o valor atribuído à leitura e às tarefas escolares dos seus filhos; v) a disponibilidade de materiais de leitura infantil em casa, permitindo o seu manuseamento e exploração;

vi) a existência de um espaço para leitura, onde a criança se sinta bem e interaja com materiais escritos de forma lúdica, estimulante e positiva; vii) e o estabelecimento de uma ligação entre a leitura de casa e a da escola (Hess & Holloway, 1984; Mason & Allen, 1986; Baker, 1999; Baker, 2003).

A escolha apropriada dos livros é também essencial para motivar uma criança para a leitura (JOHNSON, BORNMAN E ALANT, 2010). Nesta seleção os pais devem considerar a idade e o desenvolvimento da criança (VIANA, 1995), a sua competência leitora (VIANA e RIBEIRO, 2009:9), a extensão da narrativa, a linguagem usada e o tema (SILVEIRA, 1996:9) bem como o tipo de letra e a apresentação formal, de modo a fomentar o sentido estético e o gosto pela beleza plástica (TRANCOSO e CERRO, 2008).

A criança deve também desempenhar um papel ativo nesta escolha, na medida em que os seus gostos e opiniões devem ser tidos em conta neste processo (BORBA, 2000). Segundo Huck, Hepler e Hickman (1989) esta seleção deverá contemplar também a qualidade do material, o conteúdo do livro, as necessidades e interesses da criança e o currículo escolar.

De acordo com SANTOS, E. (2000:77), deve também acentuar-se o valor pedagógico e didático de ‘contar histórias’. Esta atividade é importante ‘ para o desenvolvimento da linguagem da criança e para a compreensão do mundo físico e social’, mas igualmente ‘ para o conhecimento das regras da escrita’, afirma a autora, citando Marques (1990). Diz ainda que ‘crianças a quem são lidas histórias com frequência, apresentam noções mais exatas sobre a leitura do que aquelas que participam noutras atividades literárias, como a identificação de gravuras ou o desenho de letras e palavras’.

Ouvir uma história suscita o envolvimento emocional das crianças mais novas, ao mesmo tempo que lhes estimula a imaginação, porque as faz visualizar mentalmente as personagens e os cenários. É assim, frequente, as crianças pedirem que os adultos lhes contem a mesma história diversas vezes, pelo puro prazer de poderem antecipar os acontecimentos e de reconhecerem as personagens. Através da narração de histórias, as crianças descobrem a dimensão lúdica e prazerosa da leitura.

Nesta linha de ação, os pais ou outros familiares podem desenvolver atividades que visem estimular a apetência pela leitura, como por exemplo, destaca SANTOS, E.(2000:78): i) visitar com a criança livrarias ou bibliotecas, ajudando-a a escolher livros que sejam do seu interesse; ii) conversar com ela sobre os livros e histórias que lêem; iii) proporcionar-lhe uma biblioteca caseira, oferecendo-lhe livros; iv) manifestando interesse pelas suas leituras, elogiando-a e recompensando-a pelos progressos realizados.

Por fim, apesar do estatuto socioeconómico e cultural das famílias, ser encarado, por muitos autores, como um dos fatores determinantes para a motivação e o desenvolvimento de competências de leitura, há quem defenda, como Wigfield e Asher (1984), citados por SANTOS, E.(2000:78) que ‘o envolvimento das famílias em atividades relacionadas com a leitura influencia as atitudes da criança de forma mais incisiva do que o estatuto social só por si’.

Foi com base na ideia da existência de famílias fortemente implicadas em motivar e promover hábitos de leitura nas suas crianças, que o projeto Histórias em Família surgiu. Mas antes de o apresentarmos convenientemente, importa-nos ainda clarificar algumas questões, nomeadamente refletir sobre a importância da biblioteca pública e do perfil do mediador de biblioteca, no contexto da promoção de hábitos de leitura e da animação de biblioteca.

### **A importância da biblioteca pública**

As bibliotecas são os contextos privilegiados para encontrar o livro certo no momento certo e para conviver com livros e leitores de todas as idades (Magalhães, 2000), dado que as bibliotecas atuais são contextos vivos e dinâmicos, com suportes variados de leitura, dirigidos a todas as faixas etárias (Barroco, 2004).

Em 1994, a UNESCO, em cooperação com a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA), aprovou o manifesto para as bibliotecas

públicas, entendendo-se que as missões-chave dessa instituição relacionam-se com a informação, a alfabetização, a educação e a cultura, conforme mencionado em seguida:

- Criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
- Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis;
- Oferecer possibilidades de um criativo desenvolvimento pessoal;
- Estimular a imaginação e criatividade das crianças e jovens;
- Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
- Facilitar o acesso às diferentes formas de expressão cultural das manifestações artísticas;
- Fomentar o diálogo inter-cultural e, em especial, a diversidade cultural;
- Apoiar a tradição oral; Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação à comunidade;
- Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
- Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
- Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.

Entre as atividades que visam aproximar as bibliotecas das populações podem distinguir-se duas grandes linhas de força patentes nas expressões *animação da biblioteca* e *promoção da leitura*. Podem ser, e frequentemente são, utilizados como sinónimos, mas podem também designar atividades com finalidades distintas. No âmbito do estudo *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE* (Neves, Lima e Borges, 2008: 10), a noção de *promoção da leitura* relaciona-se com a criação, junto de uma dada população, de competências de compreensão do código escrito (alfabetização), com a elevação dos níveis de leitura em geral ou relativamente a um suporte em particular (designadamente o livro), em quantidade e/ou em qualidade, e dos níveis de compreensão do texto escrito e da sua utilização quotidiana (literacia) ou ainda com o enraizamento dos hábitos e do gosto pela leitura como prática cultural, ou seja, como prática de lazer.

De acordo com PROLE (s/data) o público preferencial das ações de promoção da leitura nas bibliotecas devem ser crianças e jovens com idades até aos 15 anos. Devem implicar ativamente as famílias e devem cumprir ainda os seguintes requisitos: i) leitura voluntária, continuada e descolarizada; ii) leitura completa de obras; iii) adequação das obras aos interesses das crianças e ao seu desenvolvimento cognitivo (sem descuidar a qualidade literária); iv) desenvolvimento de atividades lúdicas que estimulem e reforcem os hábitos de leitura e aprofundem a compreensão.

A promoção da leitura terá dois públicos-alvo distintos, a que correspondem duas tipologias diferenciadas de projetos e dois objetivos, também eles distintos: formar (público-alvo privilegiado situa-se entre os 0 e os 15 anos de idade) e resgatar leitores (público-alvo privilegiado é adulto).

De acordo com esta perspectiva, a promoção da leitura é distinta da *animação*. Esta última designa as ações de divulgação/informação (exposições, visitas de escritores, feiras do livro, etc.), ações lúdico/festivas (teatro de fantoches, dramatização de textos, atividades plásticas, etc.), em que a leitura é secundária ou está mesmo ausente.

Segundo Seibel (1983:3) por ‘animação de leitura pode entender-se o conjunto de bens, mensagens e serviços propostos ao público por profissionais ou, mais genericamente, o conjunto de atividades culturais realizadas pelas bibliotecas e não apenas as diretamente relacionadas com os acervos documentais’. Deste ponto de vista, animação distingue-se de promoção da leitura porque esta designará as atividades mais especificamente direcionadas para a dinamização do acervo documental e a leitura do ponto de vista das competências e, ou, das práticas. Porém, importa notar que tal distinção é feita num contexto geral cujo eixo é a leitura, seja ela de livros, de jornais, de suportes multimédia, etc.

Assim, considera-se *promoção da leitura* o conjunto de atividades culturais levadas a cabo com a finalidade de elevar os níveis de literacia e de fomentar as práticas de leitura de lazer, designadamente de livros e *animação da leitura* o conjunto de atividades ou ações que visam aproximar a população da biblioteca e promover a sua frequência.

Muitos programas das bibliotecas têm como público-alvo a faixa etária pré-escolar, ou seja, para o desenvolvimento da literacia emergente (Barroco, 2004). Sendo um local de cultura e animação, a biblioteca é também um espaço pedagógico que visa a formação e a informação, onde são desenvolvidas atividades de promoção de leitura, escrita, criatividade e leitura orientada (Barroco 2004). É um espaço que incrementa a autonomia das crianças (que tentam imitar os leitores mais velhos e passam a ter oportunidades de

escolha, de pedir auxílio) que se responsabilizam pelo livro que utilizam (Magalhães, 2000).

A frequência da biblioteca pode ainda atenuar as desigualdades sociais, uma vez que aqueles que não têm condições económicas para comprar livros têm oportunidade de lhes aceder, podendo também ter a possibilidade de se integrar nas atividades de promoção da leitura desenvolvidas neste espaço (Magalhães, 2000).

### **O bibliotecário mediador de leitura – perfil e competências**

SOBRINO *et al* (2000:39) afirmam que ‘o hábito de ler é adquirido pela criança que teve a sorte de encontrar um clima propício na família, ou teve a dita de «tropeçar» num professor ou em alguma pessoa que lhe contagiou o gosto, o vício e o hábito da leitura’. Assim, o papel dos mediadores de leitura é determinante para que essa situação tão desejada ocorra.

O conceito de mediação remete-nos imediatamente para termos como intervenção e motivação. Deste modo SANTOS, M. (2012) define mediador como ‘aquele que intervém, aquele que aproxima as crianças, os jovens, os adultos’ (...) ‘aquele que faz a ponte entre os promissores leitores e os livros’ (...) ‘o facilitador desta relação. E como intermediário de leitura, o mediador encontra-se numa situação privilegiada, pois tem nas mãos a possibilidade de levar o leitor a infinitas descobertas.’

Citando Ballesteros (2001), a autora enumera os objetivos da mediação leitora como sendo: i) fazer descobrir o prazer da leitura, ii) conseguir uma atividade leitora continuada, iii) proporcionar uma leitura voluntária e aprazível e iv) estimular uma atividade interpretativa e crítica perante o texto.

Nesta lógica, consideramos que tanto os familiares, como os professores, os escritores, os jornalistas ou os amigos que emprestam livros, podem ser considerados mediadores de leitura.

No entanto, neste estudo, vamo-nos focar na figura do bibliotecário enquanto mediador de leitura, bem como nas competências que ele deverá ter e revelar, para levar a cabo esta notável responsabilidade – que deve ser entendida por estes como um desafio constante, pois o papel que desempenharem na motivação para a leitura irá condicionar, positiva ou negativamente, a formação de leitores.

Há alguns anos a crescente expectativa de que a biblioteca pública extrapole os objetivos básicos de armazenamento e classificação de documentos para consulta e empréstimo, e

se constitua num espaço cultural de formação de leitores, tornando-se uma instituição de valorização da leitura e de hábitos culturais.

Na sociedade atual, o papel educativo do bibliotecário torna-se mais notório, tendo em conta as suas competências específicas para atuar como mediador de leitura.

De acordo com Bortolin (2010), citado por RASTELI e CAVALCANTE (2013), ‘o bibliotecário não se pode esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos aos leitores de uma biblioteca.’

Perante esta situação, torna-se necessário que o bibliotecário que atua em bibliotecas públicas, introduza no seu quotidiano competências que possibilitem uma nova visão do conhecimento, operacionalizando mudanças que lhe permitam melhor entender e se situar como profissional da informação - cuja finalidade é a formação de cidadãos leitores competentes e incluídos na sociedade.

As competências observadas num profissional de informação deverão passar pelas suas ‘capacidades de investigação; aprendizagem ativa; aprendizagem independente; pensamento crítico; o ‘aprender a aprender’ e a aprendizagem ao longo da vida.’ (RASTELI e CAVALCANTE (2013)

Deste modo, entende-se que a ‘competências de um profissional em informação devam ser encaradas como uma das áreas que requer uma aprendizagem contínua, tornando-se num processo constante de interação e consciencialização da informação e de sua abrangência’ (BELLUZZO, 2007).

Refletir o papel do bibliotecário como agente educacional e a biblioteca pública enquanto equipamento multicultural e pluralista torna-se a base dessa transformação, voltada para a competência em informação na mediação de leitura.

Cabe à biblioteca pública a responsabilidade de fornecer à comunidade o acesso à informação e à leitura, de modo democrático e com qualidade. Tornar os cidadãos ‘leitores’, depende de políticas e de equipamentos socioculturais, não ocorrendo de forma espontânea. Apostar em políticas, estratégias e articulações que envolvam o governo, os setores públicos e privado e a sociedade civil são consideradas estratégias eficazes para uma consolidação dos hábitos de leitura.

São várias as razões e as condicionantes que afastam os cidadãos das bibliotecas públicas e de outras entidades culturais: a inexistência ou a distância a que estes equipamentos culturais se encontram dos locais onde as pessoas vivem, o desconhecimento total do papel que a cultura poderia representar na sua qualidade de vida, entre outros. Aliado a

estes fatores, Becker e Grosch (2008), citados por RASTELI e CAVALCANTE (2013), alertam-nos para o facto do papel do bibliotecário estar ainda muito associado a serviços de organização e administração de centros de informação, pouco expondo a sua função educativa no sentido de ajudar os utilizadores na utilização correta das fontes de informação, de incentivar os estudantes ou investigadores a ler e a frequentar a biblioteca e, principalmente, a desenvolver o gosto pela leitura.

Essa realidade pode estar associada à importância dada pelas escolas de Biblioteconomia, na formação técnica dos seus estudantes, preocupando-se principalmente com o tratamento da informação e raramente com a sua disseminação e/ou com a formação de leitores.

‘Entre as disciplinas de cultura geral e as aquelas propriamente técnicas, é preciso introduzir um sincero e real equilíbrio entre essas duas solicitações e fazer dos estudos biblioteconómicos não apenas a fonte de conhecimentos especializados de catalogação e classificação, mas também a origem de largos conhecimentos humanísticos que se costumam designar pelo nome de “cultura geral”.’ (...) ‘ Quando se atribui ao bibliotecário a missão de estimular o interesse pela leitura, de contribuir para o desenvolvimento intelectual de cada um em benefício de todos, só pode ser desempenhada por profissionais que tenham recebido larga formação cultural, o que ultrapassa, em muito, a formação essencialmente técnica.’ (MARTINS, W., 2001:336)

Outro aspeto pertinente na conduta do bibliotecário diz respeito às suas competências que, na maior parte das vezes, encontram-se focadas no documento e não no acesso propriamente dito.

Na ótica da cultura informacional, as bibliotecas públicas devem destacar-se como espaços de conquista do direito à informação, à leitura e à cidadania – elementos cada vez mais indispensáveis na sociedade, diante das exigências do mundo contemporâneo (CAVALCANTE, 2010).

Belluzzo (2008:12) proclama que “a biblioteca sem a educação, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura e a pesquisa será, por seu lado, um instrumento vago e incerto.”

Esta valência cultural deverá refletir-se, para o bibliotecário, como um estímulo para que adquira competências e experiências que potenciem as suas capacidades de mediar leitura.

Em seguida, enumeramos algumas das características do perfil que, segundo Rasteli e Cavalcante (2013) um mediador de leitura deverá ter:

- **Ser leitor ativo**

Como profissional da informação, o bibliotecário deve estar constantemente atualizado. Agindo como leitor efetivo, pode também gerar encontros e comunicações entre o acesso aos bens e serviços culturais diversos e o público, pois a leitura implica troca, dádiva e partilha entre os sujeitos: bibliotecários, autores, leitores e comunidade. Segundo, Morgado, L. (2012) o ‘mediador deve ser um exemplo a seguir, pois não se pode transmitir o gosto pela leitura se não o sentirmos verdadeiramente e se nas suas atitudes não transparecer a paixão e o fascínio pelos livros’.

- **Conhecer as teorias da leitura**

O ato de ler implica dimensões ao mesmo tempo simples e complexas. Portanto, é importante que o bibliotecário, mediador da leitura, seja um pesquisador ávido por descobertas para o enriquecimento constante de sua formação. O papel do leitor tem sido constantemente redefinido e isso é continuamente acompanhado pelos estudiosos dessa temática, gerando teorias da leitura fundamentais, que inspiram as práticas implementadas pelos mediadores em suas ações.

- **Valorizar as narrativas orais**

As narrações orais em bibliotecas públicas podem contribuir para o aumento do espaço de discussão de textos e ideias, tornando-as instituições mais dinâmicas, mais ativas e pulsantes. Podem ser explorados vários temas relacionados com a narração oral, como: a nova oralidade, narração oral de histórias, tornar os leitores narradores, etc. Outra questão importante é a de que as narrativas orais aproximam grupos diversos como crianças, jovens e idosos, permitindo trocas entre passado e presente, experiências e expectativas, fomentando o gosto pela expressão e descoberta do outro.

- **Viabilizar o acesso à informação nos seus diferentes suportes**

No contexto atual, a leitura deve ser tratada em consonância com as diversas tecnologias. O mediador da leitura deve, portanto, estar familiarizado com as diferentes possibilidades de comunicação entre os suportes, a informação neles veiculadas e a atitude do leitor em termos de apropriação e recriação.

- **Promover o poder público em bibliotecas**

A representação das bibliotecas é necessária nos planos dos governos local, regional e nacional. As bibliotecas devem estar incluídas no planejamento, orçamento e nas decisões político-institucionais. Cabe aos bibliotecários, portanto, a ação política de intervenção junto a esses atores sociais, de modo a associar continuamente o desenvolvimento da população ao acesso à informação e aos bens culturais, garantindo que os recursos sejam disponibilizados para a ampla valorização destes. Além de que, envolver diretamente as bibliotecas públicas nas ações políticas, sociais e culturais de cada município certamente contribuirá para a valorização destes espaços e das suas funções.

- **Conhecer as políticas públicas para o livro e a leitura**

Conhecer as políticas pública de promoção da leitura e de acesso à informação, torna-se imprescindível para a obtenção de recursos para variados fins, como ampliação do acervo, apoio a projetos culturais ou formação profissional.

- **Estar atento às multiplicidades culturais**

As multiplicidades culturais referem-se às diferenças de contextos sociais nos quais cada leitor está inserido. Neste sentido, o mediador pode centrar-se em práticas cujos objetivos estabelecidos envolvam a expressão da multiplicidade de visões do mundo, reportando-se a amplos contextos, sem preconceitos ou elitismos.

- **Trabalhar em equipa**

A competência de um serviço passa cada vez mais pelas ações colaborativas. Neste sentido, o trabalho em equipa nas bibliotecas públicas deve envolver diferentes profissionais, permitindo o desenvolvimento de ações visando um atendimento ao público de excelência, intervindo de forma competente e dinâmica.

- **Estabelecer parcerias**

Ser competente no âmbito social envolve o estabelecimento de parcerias. A associação com atores locais, grupos de teatro e animadores culturais pode ampliar a convergência de papéis entre diferentes profissionais. Nesse contexto, o teatro, por exemplo, pode ser uma ferramenta forte de ação cultural nas bibliotecas, pois faz o indivíduo refletir sobre a sua realidade.

Outras parcerias importantes podem ser estimuladas na comunidade com associações de moradores, grupos de jovens, igrejas, escolas etc., de modo a criar condições para a implementação de projetos sociais e culturais que promovam valores, atitudes e estimulem o enriquecimento coletivo.

- **Ter boas competências no âmbito das tecnologias de informação e comunicação**

Nesse contexto, as competências estão ligadas a conhecimentos relacionados com as novas tecnologias. Abrangem os conhecimentos de informática, na ótica do utilizador, incluído a compreensão do funcionamento dos equipamentos (hardware), dos programas (softwares) e das suas aplicações, e, ainda, a produção, organização, disseminação e acesso à informação de forma automatizada, visando a resolução de problemas por meio do uso da tecnologia.

- **Conhecer e utilizar as ferramentas da Web 2.0**

A segunda versão da internet, a Web 2.0, reconfigurou a internet estática, impulsionando a comunicação por causas, apelando aos princípios colaborativos e participativos nas mais diversas atividades humanas. As redes sociais ( como o Facebook, o Twiter, etc. )possuem um forte mecanismo de disseminação de informação: divulgação e fotos de eventos, sugestões de autores, concursos e debates, entre outros.

As inúmeras possibilidades permitidas pelos recursos disponibilizados pela Web social, podem ser bastante significativas nas bibliotecas públicas, no que concerne à democratização do acesso às novas tecnologias, inclusão digital e disseminação virtual da informação.

- **Procurar formação contínua**

O bibliotecário, enquanto mediador de leitura, deverá ter uma conduta pautada pelo uso da criatividade, não descurando a sua ética profissional, nem a reflexão crítica sobre a realidade em que opera, procurando sempre a sua melhoria. Ao longo da sua vida deverá esforçar-se por ‘aprender sempre’ pois a educação é um veículo de crescimento constante, que o irá inclusive ajudar a implementar as suas práticas pedagógicas de mediação da leitura.

### **Parte III - Projeto ‘ *Histórias em família*’- animação da leitura na Biblioteca Lídia Jorge**

#### **Fundamentação**

O projeto ‘ Histórias em família’ teve como principal objetivo realçar a importância da leitura no desenvolvimento do indivíduo e destacar o papel da biblioteca municipal na promoção e criação de hábitos de leitura junto da população mais jovem da cidade de Albufeira.

Assim, este projeto consistiu na realização de diversas atividades de animação da leitura, aos sábados à tarde, no setor infanto-juvenil da BMLJ, dirigidas a crianças dos 3 meses aos 12 anos, acompanhadas pela sua família, entre os meses de Fevereiro a Junho de 2013. A implementação do ‘Histórias em Família’ na BMLJ surgiu em contexto do estágio por mim realizado nesta instituição, face à inexistência de atividades dirigidas ao público mais jovem, durante o fim-de-semana – período que consideramos privilegiado para que as famílias visitem e usufruam deste equipamento cultural.

Iniciei o meu estágio na BLJ em meados de Outubro de 2012 e a minha vida profissional - sou animadora sociocultural na Câmara Municipal de Albufeira (C.M.A.) – só me permitia estagiar a um ritmo de 2h30 por dia durante a semana, sendo que aos sábados ficava 5 horas.

De uma forma resumida, entre os meses de Outubro e Dezembro pude acompanhar os diferentes serviços dentro da biblioteca. Comecei por fazer o registo dos livros das bibliotecas escolares, que aguardavam para ser catalogados e inseridos no programa Koha. Em simultâneo, passei pelos diferentes setores de atendimento (recepção, audiovisuais, setor de adultos e setor infanto-juvenil) para tomar conhecimento do trabalho que ali se leva a cabo; pude ajudar a equipa da biblioteca através de algum apoio a eventos culturais que ocorreram na sala polivalente; e acompanhar e participar, com a equipa do S.A.B.E., nas atividades de animação da leitura, em algumas deslocações às escolas, mais concretamente na adaptação e narração de histórias para o clube de leitura *AEIOU, o leitor és tu*.

Assim, em meados de Dezembro de 2012, tendo em conta a minha formação profissional, foi-me feita a proposta de implementação de um projeto de promoção e animação da leitura, aos sábados à tarde, até ao final de Junho (data em que terminava o meu estágio),

que fosse capaz de dinamizar o setor infanto-juvenil e assim atrair mais público para a biblioteca.

Nos dois meses seguintes, analisei o fundo documental infanto-juvenil existente. Escolhi histórias adequadas às idades a que os diferentes ateliers se destinavam, optando por histórias com várias personagens, com quem as crianças se pudessem identificar, essencialmente divertidas e dei preferência a autores portugueses, embora nem sempre tenha sido possível. Revi e pesquisei literatura sobre técnicas de animação e promoção da leitura junto dos mais jovens, esquematizei atividades possíveis e reuni o material necessário para implementar o projeto que, mais tarde apelidámos de *Histórias em Família*. Precisamente porque, para nós, era fundamental que fosse um projeto que chegasse não só às crianças, mas que aproximasse da biblioteca também a sua família. Era necessário que estas se reunissem e se apropriassem da biblioteca enquanto espaço de cultura e de lazer comum.

A maior dificuldade que senti foi na adaptação das histórias, uma vez que, como explicarei mais à frente, os cinco meses de *Histórias em Família* que se seguiram, refletiram-se em quase vinte sessões de animação de leitura diferentes.

Todos os sábados (exceto nas férias escolares) apresentei uma história diferente, com personagens e dramatizações distintas; podendo contar com pouco material disponível (que aliás é um dos principais entraves para a realização de atividades semelhantes). Na falta de verbas, recorri a materiais reciclados, outros que resgatei de outras atividades ou que havia na biblioteca.

De igual modo, precisei de recorrer à ajuda de algumas pessoas, sempre que apresentei o *atelier Teatro de Fantoques*. Fazer teatralizações a uma só voz é difícil e perde-se muita dinâmica, portanto, para esta atividade, pedi sempre a alguém para me ajudar nos diálogos.

Em suma, do pouco se fez muito e apesar do exigente ritmo de trabalho imposto pelo tipo de projeto que é, o *Histórias em Família* nasceu.

Na primeira parte deste trabalho, debruçámo-nos sobre o papel fundamental da leitura e sobre o quão importante é que o seu estímulo se inicie o mais cedo possível. Estamos conscientes que, em muitas famílias, o contacto com o livro e com a leitura ainda não acontece ou é relegado para as competências da escola e dos professores. Assim, a ação da biblioteca municipal torna-se mais significativa e determinante na motivação, no

desenvolvimento de competências de leitura e na criação de hábitos regulares desta importante atividade.

Assim, estamos conscientes que urge implementar projetos diversificados, sistemáticos e consistentes de animação e promoção da leitura, em articulação com os professores, com as famílias, com as Bibliotecas escolares e com a comunidade em geral.

O projeto “*Histórias em Família*”, promovido pela BMLJ, teve por base os seguintes objetivos:

- Criar e consolidar hábitos de escrita e leitura junto da população mais jovem.
- Promover a utilização da biblioteca municipal enquanto espaço de cultura e lazer junto das famílias residentes no concelho de Albufeira.
- Dinamizar o setor infanto-juvenil ao fim-de-semana.
- Criar novos públicos
- Resgatar público antigo.

### **Metodologia e planificação**

O projeto ‘Histórias em Família’ desenrolou-se em vinte sessões de animação da leitura, no espaço do setor infanto-juvenil da BMLJ, entre Fevereiro e Junho de 2013 - embora três delas tenham sido realizadas fora do espaço da biblioteca, a convite de outras entidades.

As vinte sessões foram divididas entre quatro *ateliers*, cada um deles destinado a uma faixa etária diferente, apresentando-se, em seguida, uma descrição e a metodologia neles utilizada:

#### ***1) Barriga cheia de histórias***

Atividade de animação da leitura, destinada a bebés dos 3 aos 36 meses, realizada no espaço da bebéteca da BLJ. (ver Anexo 1, foto 9 – pág. 64).

#### **Metodologia:**

São disponibilizados materiais lúdicos apropriados (brinquedos, fantoches, sons, instrumentos musicais, etc.) existentes na biblioteca, que visem fornecer aos bebés informação adequada às suas idades e estimular a sua criatividade, proporcionando-lhes um contexto lúdico.

Neste *atelier* é contada uma história, que conste no acervo da biblioteca, adequada à idade dos destinatários e que permita uma adaptação com uso de sons, música e repetições.

No final são apresentadas aos participantes várias obras de literatura infantil, cd's de musica infantil e dvd's infantis, que constem no fundo documental da biblioteca, como sugestões de leitura/audição e/ou visualização possível; bem como toda a organização do sector infanto-juvenil e serviços disponibilizados na biblioteca.

#### Objetivos específicos:

- ✓ A participação ativa e interação dos participantes com os seus acompanhantes e os outros bebés, no espaço da biblioteca;
- ✓ A descoberta e familiarização com o objeto *livro*;
- ✓ Desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, motoras, sensoriais, emocionais e sociais.

## **2) Aventura de histórias**

Atividade de animação da leitura destinada a crianças dos 3 aos 6 anos, realizada no setor infanto-juvenil da BMLJ.

#### Metodologia:

Neste ateliê é contada uma história, adequada à idade dos destinatários, através de um avental colorido, em tecido, de cujos bolsos saem as personagens. As personagens são construídas pelo dinamizador da atividade, em diversos materiais, como tecidos, feltros ou cartão, o mais semelhante possível às ilustrações da história, tendo na parte de trás um pedaço de velcro que a irá fixar no avental, que serve de cenário à história. À medida que as personagens vão surgindo ao longo da história, o animador vai retirando-as dos bolsos do seu avental e fixando-as através de velcros.

Para cada *atelier* é construído um conjunto de personagens diferentes. O avental, também construído pelo dinamizador da atividade, é comum a todas e como exibe um cenário neutro (com nuvens, sol e árvores) é possível adaptá-lo a várias histórias. (ver Anexo 1, foto 10 – pág. 65)

A história, transmitida oralmente, deverá constar num livro que seja parte do fundo documental da biblioteca, será apenas mostrada no final do *atelier* e o seu empréstimo será o 'prémio' para a família participante que responda corretamente a um desafio lançado pelo dinamizador. O desafio estará relacionado com a história apresentada nesse dia e poderá ser, por exemplo, serem os primeiros a encontrar um livro com imagens de cães e raposas ou a descobrir o tamanho médio de um crocodilo.

Objetivos específicos:

- ✓ Estimular a criatividade.
- ✓ Fomentar o gosto de ouvir histórias.
- ✓ Desenvolver capacidades cognitivas, motoras, sensoriais, emocionais e sociais.
- ✓ Incentivar o manuseio e a familiarização com o objeto *livro*.

**3) Teatro de Fantoches**

Atividade de animação da leitura destinada a crianças dos 3 aos 9 anos, realizada no setor infanto-juvenil da BMLJ.

Metodologia:

Neste *atelier* as crianças podem assistir a um teatro de fantoches, inspirado numa das obras de literatura infantil que integram o fundo documental da biblioteca. Os fantoches são construídos pelo dinamizador da atividade, em diversos materiais, com colheres de pau, com tecidos, feltro, cartão, etc. o mais semelhante possível às ilustrações da história. O fantocheiro utilizado foi adaptado a partir de uma estrutura de madeira já existente na biblioteca. (ver Anexo 1, foto 11 – pág. 65)

O livro abordado será mostrado no final do *atelier* e o seu empréstimo será o ‘prémio’ para a família participante que responda corretamente a um desafio lançado pelo dinamizador. Em algumas sessões foram disponibilizadas fichas e desenhos para colorir, relacionadas com a história abordada.

Objetivos específicos:

- ✓ Estimular a criatividade.
- ✓ Fomentar o gosto de ouvir histórias.
- ✓ Desenvolver capacidades cognitivas, motoras, sensoriais, emocionais e sociais.
- ✓ Incentivar o manuseio e a familiarização com o objeto *livro*.

#### 4) *Histórias escondidas*

Atividade de escrita criativa, destinada a crianças dos 8 aos 12 anos, realizada no espaço do setor infanto-juvenil, com limite de 15 participantes.

##### Metodologia:

Este *atelier* funciona com marcação prévia, na BMLJ, e os participantes irão aprender alguns jogos de escrita criativa que visam estimular a associação de ideias, brincar com a transformação de palavras e sentidos, culminando na construção de um enredo com personagens. (ver Apêndice 1 – pág. 77) Não pressupõe continuidade entre as sessões, pelo que os participantes poderão participar pontualmente. (ver Anexo 1, foto 12 – pág. 66)

##### Objetivos específicos:

- ✓ Estimular a criatividade.
- ✓ Incentivar crianças para a escrita
- ✓ Desenvolver capacidades cognitivas, motoras, sensoriais, emocionais e sociais.

Quadro nº 1- Síntese do projeto ‘Histórias em Família’

<b>Projeto de promoção e animação da leitura ‘Histórias em Família’</b>				
	<b>Sessões</b>	<b>Data/ Hora</b>	<b>Atividade principal</b>	<b>Dinamizadores</b>
<b>Fevereiro</b>	1ª	09/02/ 2013 15h	‘Avental de Histórias’ ( <i>O Nabo Gigante</i> de Alexis Tolstoi)	Vanda Prazeres
	2ª	16/02/2013 17h	‘Teatro de Fantoches’ ( <i>Sabe-se lá como é o crocodilo</i> de Eva Montanari)	Vanda Prazeres
	3ª	23/02/2013 17h	‘ <i>Barriga cheia de histórias</i> ’	Vanda Prazeres
<b>Março</b>	4ª	02/03/2013 17h	‘Histórias escondidas’	Vanda Prazeres
	5ª	09/03/2013 17h	‘Avental de Histórias’ ( <i>A história da árvore Elvira</i> da coleção Montanha Encantada)	Vanda Prazeres

	<b>6<sup>a</sup></b>	16/03/2013 17h	‘Teatro de Fantoques’ <i>(Os ovos misteriosos de Luísa Ducla Soares)</i>	Vanda Prazeres
	<b>7<sup>a</sup></b>	23/03/2013 10h	‘Avental de Histórias’ <i>(O Nabo Gigante de Alexis Tolstoi)</i> no Mercado dos Calços	Vanda Prazeres
<b>Abril</b>	<b>8<sup>a</sup></b>	06/04/2013 17h	<i>‘Barriga cheia de histórias’</i>	Vanda Prazeres
	<b>9<sup>a</sup></b>	13/04/2013 17h	‘Histórias escondidas’	Vanda Prazeres
	<b>10<sup>a</sup></b>	16/04/2013 10h30	‘Avental de Histórias’ <i>(O Nabo Gigante de Alexis Tolstoi)</i> no Mercado dos Calços	Vanda Prazeres
	<b>11<sup>a</sup></b>	18/04/2013 10h30	‘Avental de Histórias’ <i>(O Nabo Gigante de Alexis Tolstoi)</i> no Mercado dos Calços	Vanda Prazeres
	<b>12<sup>a</sup></b>	20/04/2013	‘Avental de Histórias’ <i>(A zebra Camila de Marisa Nunêz)</i>	Vanda Prazeres
	<b>13<sup>a</sup></b>	27/04/2013	‘Teatro de Fantoques’ <i>(O Grufalão de Julia Donaldson)</i>	Vanda Prazeres
<b>Maio</b>	<b>14<sup>a</sup></b>	11/05/2013 17h	<i>‘Barriga cheia de histórias’</i>	Vanda Prazeres
	<b>15<sup>a</sup></b>	18/05/2013 17h	‘Histórias escondidas’	Vanda Prazeres
	<b>16<sup>a</sup></b>	25/05/2013 17h	‘Avental de Histórias’ <i>(O elefante Zacarias de Rachel Bisseul)</i>	Vanda Prazeres
	<b>17<sup>a</sup></b>	28/05/2013 10h	‘Avental de Histórias’ <i>(O Nabo Gigante de Alexis Tolstoi)</i> na crecha/JI Academia dos Marinheiros	Vanda Prazeres
<b>Junho</b>	<b>18<sup>a</sup></b>	08/06/2013 17h	‘Teatro de Fantoques’ <i>(O coelhinho Tremeliques de Kes Gray)</i>	Vanda Prazeres
	<b>19<sup>a</sup></b>	22/06/2013 17h	<i>‘Barriga cheia de histórias’</i>	Vanda Prazeres
	<b>20<sup>a</sup></b>	29/06/2013 17h	‘Histórias escondidas’	Vanda Prazeres

Com as sessões estruturadas e devidamente publicitadas em nota de imprensa da C.M.A. e na página do Facebook albufeira.pt, o público foi marcando cada vez mais presença e inclusive, como é possível observar na grelha apresentada, algumas das sessões do *Histórias em Família* passaram as portas da biblioteca e foram realizadas em outros locais. Não foi algo premeditado por nós e surgiu sim, devido aos resultados positivos que o projeto revelou alcançar.

A primeira vez foi a convite da Divisão do Turismo que, no âmbito da dinamização do mercado municipal dos Calijos, nos pediu para lá realizarmos o *Avental de Histórias*, dirigindo-o às crianças que fossem ao mercado, nesse dia, com a família. Infelizmente as condições climáticas não o permitiram e teve de ser cancelado. Como já tinha os sábados seguintes todos programados na biblioteca, acabei por ir ao mercado, por duas vezes, durante a semana, apresentar o *Avental de Histórias* às duas creches do concelho, que o visitaram nesses dias. (ver Anexo 1, foto 13 – pág. 66).

Outra das vezes foi a convite da creche/jardim de infância Academia dos Marinheiros que, tendo-me visto com o *Avental de Histórias* numa Hora do Conto a que assistiram, e que eu, a convite da Dra. Daniela Ramos dinamizei - me convidaram para lá ir, no âmbito da Semana da Criançada, uma semana em que organizam várias atividades lúdicas diferentes das usuais. (ver Anexo 1, foto 14 – pág. 67).

Os referidos convites foram, na minha opinião, um pouco do reflexo de todo o projeto. Com isto pretendo dizer que o *Histórias em Família* no geral e as atividades escolhidas em particular, foram muito bem aceites por parte do público que, gradualmente foi aumentando e por toda a equipa da biblioteca que assistiu à dinâmica criada.

Penso também que este projeto veio preencher uma lacuna há algum tempo sentida, tanto da parte de quem trabalha na biblioteca, como da população em geral que - de acordo com o testemunhado nos questionários de avaliação da atividade e nos contactos informais que tive, no final dos *ateliers*, afirmaram a necessidade e a importância da realização de atividades semelhantes neste espaço. A título de exemplo, está no Anexo 4, pág. X, um dos questionários que a BMLJ usa para avaliar as suas atividades, distribuindo-os pelos adultos presentes, e que usámos também para avaliar a reação aos *ateliers* realizados.

Ao analisarmos estes inquéritos percebe-se que a grande maioria dos participantes teve conhecimento da atividade através da Internet (pelo Facebook ou através da *mailing list* da BMLJ), classificam a atividade entre 4 e 5 (sendo que 1=Mau e 5=Excelente) e consideram que a atividade ‘correspondeu às expectativas’.

Pessoalmente, pude observar que a maioria dos participantes voltava no *atelier* seguinte, que a atividade com mais participantes foi quase sempre o *Teatro de Fantoques* e a com menos adesão foi o atelier de escrita criativa *Histórias Escondidas* – cujo maior grupo teve nove participantes e não se realizou duas vezes por falta de inscrições (respetivamente a 1ª e a última sessão) – facto que facilmente se entende, devido ao fraco interesse que os jovens da faixa etária a que se dirige demonstram por atividades semelhantes às que praticam nos tempos letivos.

Observando os dados estatísticos relativos ao período em que decorreu o projeto (ver Apêndice 2 – pág. 78), vemos que ocorreu um aumento, nos primeiros meses, no número total de utilizadores, tanto na média diária como na média de utilizadores ao sábado.

A partir de Abril houve uma descida no número total de utilizadores e na média diária (talvez justificada pelas temperaturas elevadas que se começaram a sentir e pelo facto da biblioteca ter o ar condicionado avariado), no entanto as médias de utilizadores ao sábado mantiveram-se estáveis.

## Conclusão

Como referimos anteriormente, julgamos que o projeto ‘*Histórias em família*’- animação da leitura na Biblioteca Municipal Lídia Jorge, se enquadrou inteiramente nas necessidades da instituição acolhedora do estágio e se tornou numa mais-valia para a comunidade local e para o município, aproximando inegavelmente mais a população de um equipamento cultural do qual está não raras vezes arredada.

Penso que já muito foi referido aqui, relativamente à importância da promoção da leitura e do combate à iliteracia, pelo que me resta concluir que, face aos objetivos a que nos propusemos inicialmente com este projeto, penso que conseguimos concretizar todos a que nos propusemos.

Do ponto de vista pessoal e profissional, foram meses de desafios constantes, a ritmos nem sempre fáceis, mas cujo resultado positivo pareceu evidente desde o primeiro dia.

Hoje acreditamos que as crianças e as famílias com quem nos cruzámos, durante o *Histórias em família*, irão usufruir da biblioteca municipal de um outro modo, mais confiante, mais íntimo, no fundo, mais familiar.

## Bibliografia

AMÂNDIO, Maria José (s/d), *Literacia de Informação 2.0 nas Bibliotecas Municipais de Oeiras: uma abordagem ao programa Copérnico* [Consult. a 18/06/2013]. Disponível em:

<<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/550/350>>

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (2000) “Information literacy competency standards for higher education” [Consult. a 18/06/2013]

Disponível em:

<<http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org/acrl/files/content/standards/standards.pdf>>

AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS (AASL) [Consult. a 18/06/2013]

AZEVEDO, Fernando, *Formar leitores, das teorias às práticas*, Lisboa: Lidel, 2007

BARROCO, José Alves, *As bibliotecas escolares e a formação de leitores*. Tese de Mestrado em Educação, Supervisão Pedagógica em Ensino do Português. Braga: Universidade do Minho, 2004.

BELLUZZO, Regina. *Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação*. Bauru: Cá entre nós, 2007.

BELLUZZO, Regina, *Como desenvolver a Competência em Informação (CI): uma mediação integrada entre a biblioteca e a escola*. 2008. Consult. a 01/09/2013]

Disponível em:

<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/25/25>

BORBA, Maria do Socorro (2000). *Adolescência e leitura: a contribuição da escola e da biblioteca escolar*. Consult. a 01/09/2013]

Disponível em:

<http://www.drealg.min-edu.pt/upload/docs/Infocedi30Outubro2010.pdf>

CABRAL, Maria Alzira, *Ideias para escrever*. Lisboa: Edições Contraponto, 2000.

CAVALCANTE, Lídia Eugénia, *Cultura informacional e gestão de bibliotecas públicas municipais: competências e usos da informação*. In: XI Encontro nacional de pesquisa em ciência da informação. Rio de Janeiro, 2010. Consultado a 01/09/2013]

Disponível em:

<<http://congresso.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/viewFile/128/252>>

CALIXTO, José António, *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Caminho, 1996.

COSTA, António, PEGADO, Elsa, ÁVILA, Patrícia. *Barómetro de Opinião Pública: atitudes dos portugueses perante leitura e o Plano Nacional de Leitura*, Centro de

Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.2008 Consult. a 01/08/2013]

Disponível em:

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index1.php>

CORREIA, Helena, *Animação em contexto de bibliotecas escolares*, Revista Práticas de Animação, ano 4, número 3 (2010) Consult. a 01/08/2013]

Disponível em:

<http://revistapraticasdeanimacao.webnode.pt/sumario/>

CRUZ, Vitor, *Uma abordagem cognitiva da leitura*. Lisboa: Lidel, 2007

ECO, Humberto, *Como se faz uma tese em ciências humanas*. 10ª edição. Barcarena: Presença, 2003.

EGAN, Kieran, *A mente da criança- coelhos falantes & laranjas mecânicas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

ELKIN, Judith, HEEKS, Peggy, LONSDALE, Ray, *A place for children – public libraries as a major force in children’s reading*, Library Association Publishing, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1981.

FREITAS, Eduardo, CASANOVA, José Luís, ALVES, Nuno de Almeida, *Hábitos de leitura: um inquérito à população portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

GEPE, *A dimensão económica da literacia em Portugal: uma análise*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, 2009.

HUCK, Charlotte, HEPLER, Susan, HICKMAN, Janet, *Children’s literature in the elementary school* (5th ed.).New York: Harcourt Brace Javanovich College Publishers,1989.

JOHNSON, J., BORNMAN, J., ALANT, E, *Parents’ perceptions of home reading activities: comparing children with and without learning disability*. Perspectives in Education, 28 (1). (2010).

JEAN, Georges (2000), *Leitura em voz alta*, Colec. Horizontes Pedagógicos.

JOLIBERT, Josette, *Formar crianças leitoras*. Rio Tinto: Asa, 1998

LETRIA, José Jorge, *Fazer leitores... e escritores*, Alpiarça: Garrido, 2001

LOPES, João, ANTUNES, Lina, *Sobre a Leitura Vol. IV - Novos hábitos de leitura: Análise comparativa de estudos de caso*. (s.l.) Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, Observatório das Atividades Culturais (ed.), 2001.

LOPES, João, ANTUNES, Lina, *Novos hábitos de leitura: análise comparativa de estudos de caso*. Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, Observatório das Atividades Culturais (ed.), 2001.

LOPES, João, ANTUNES, Lina, *Bibliotecas e hábitos de leitura: instituições e agentes – relatório síntese*. Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, Observatório das Atividades Culturais (ed.) 2000.

MAGALHÃES, Ana Maria, ALÇADA, Isabel, *Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI*. Lisboa: Caminho, 1993

MAGALHÃES, M. L, *A Formação dos leitores e o papel das bibliotecas*. In M. Sequeira. (Ed.). *Formar leitores: o contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas Consult. a 01/06/2013]

Disponível em:

<http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/Paginas/manifestoUnescoBibliotecasPublicas.aspx>

MATA, Lourdes, MONTEIRO, Vera, *O desenvolvimento da motivação para a leitura em crianças portuguesas*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2004.

MARTINS, Wilson, *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 2001.

MORAIS, José, *A arte de ler – psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996

MORGADO, Lúcia, *O papel da biblioteca escolar na motivação e promoção da leitura: implementação do projeto 'Vamos dar vida aos livros!'*. Lisboa: Departamento de Educação e Ensino à Distância da Universidade Aberta, 2002.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL, *Começar com o pé direito*. Porto: Porto Editora, 2008.

NEVES, João, LIMA, Maria João, BORGES, Vera. *Práticas de promoção da leitura nos países da OCDE*, Lisboa, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE), 2009. [Consult. a 01/08/2013]

Disponível em:

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index1.php>

PENNAC, Daniel, *Como um romance*. Porto: Asa, 2002.

PONTES, Verónica, AZEVEDO, Fernando, *A criança e a literatura infantil: uma relação fantástica em sala de aula* [Consult. a 21/06/2013]. Disponível em:

<[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8008/1/Veronica\\_20Pontes.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8008/1/Veronica_20Pontes.pdf)

PROLE, António (s/d), *Como fazer um projecto de promoção de leitura*. [Consult. a 18/06/2013]. Disponível em:

<[http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/manual\\_instrucoes\\_projectos\\_a\\_C.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf)

RASTELI, Alessandro, CAVALCANTE, Lidia, *A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública*. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v.18, nº 36, pág.157-180, Jan./Abri.,2013 [Consult. a 18/06/2013]. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157>

RIGOLET, Sylvane, *Ler livros e contar histórias com as crianças*. Porto: Porto Editora, 2009.

RIGOLET, Sylvane, *Leitura do mundo, leitura de livros. Da estimulação precoce da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora, 1997.

REGO, Austelina, *Relatório de estágio para obtenção do grau de mestre em ensino do 1º ciclo do ensino básico*. Bragança: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, 2010.

SANTOS, Elvira, *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto, 2000

SARDINHA, Maria G. (2007). “A formação de leitores e o papel das bibliotecas”. In Fernando Azevedo (Coord.). *Formar leitores*. Lisboa: Lidel, pp. 1-7.

SEIBEL, Bernadette, *Bibliothèques Municipales et Animation*, Paris: Dalloz,1983.

SEQUEIRA, Maria de Fátima (Org.), *Formar leitores, o contributo da biblioteca escolar*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 2000.

SOARES, Maria Almira, *Como motivar para a leitura*. Barcarena: Presença, 2003

SOBRINO, Javier García (Org.), REBANAL, Javier Flor, MARTÍNEZ-CONDE, Juan, Del VALLE, Diego, MERINO, Paciano, ALONSO, Luis, *A criança e o livro*. Porto: Porto Editora, 2000.

SILVA, Maria Gabriela de Sousa, *Ler e amar na adolescência*. Lisboa: Horizonte, 2008

SILVA, Maria Gabriela de Sousa, *O prazer da leitura na adolescência*. Vialonga: Coisas de ler, 2009

SILVEIRA, Itália Maria Falceta da, *Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar*. Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 7, 1996. 9-30.

SIM-SIM, Inês, *Formar leitores: a inversão do círculo*. In Investigação e Prática Docente, nº 3. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2002.

SIM-SIM, Inês, SILVA & NUNES, *Linguagem e comunicação no jardim de infância*.Lisboa: Ministério da Educação – Dgidc, 2008

TRILLA, Jaume (coord), *Animação Sociocultural*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

TRANCOSO, Maria Victoria Trancoso , CERRO, Maria Mercedes Del, *Síndrome de down: leitura e escrita. Um guia para pais, educadores e professores*. Porto: Porto Editora,2008.

VIANA, Fernanda Leopoldina, MARTINS, Marta, COQUET, Eduarda, *Leitura, literatura infantil e ilustração*. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2002.

VIANA, Fernanda Leopoldina, *Da linguagem oral à leitura: construção e validação do teste de identificação de competências linguísticas*. Dissertação de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 1998.

VIANA, Fernanda Leopoldina, TEIXEIRA, Maria Margarida, *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: ASA, 2002.

VIANA, Fernanda Leopoldina, *A ludoteca - um contexto normalizador para a criança com N.E.E.* Projeto sobre Problemas de Aprendizagem e Comportamento. Braga: Universidade do Minho, 1995.

VIANA, Fernanda Leopoldina, RIBEIRO, Iolanda, *Dos leitores que temos aos leitores que queremos*. Coimbra: Almedina, 2009.

## Anexo 1



Foto 1 - Biblioteca

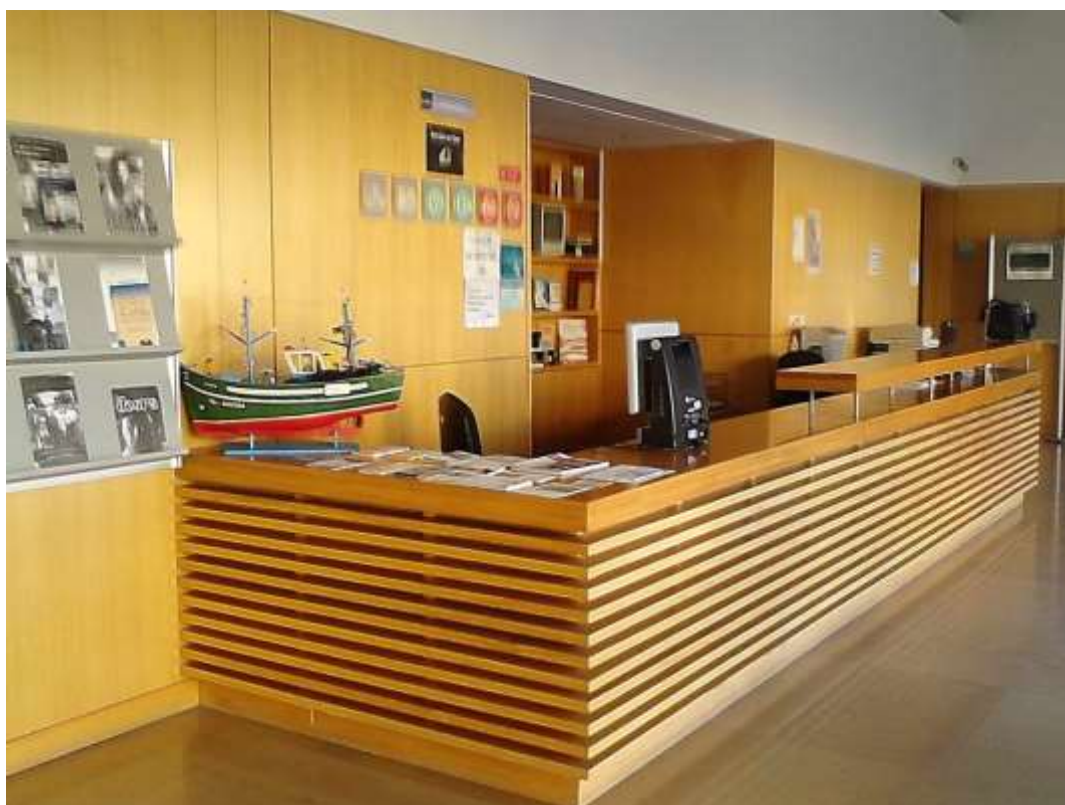


Foto 2 - Átrio



**Foto 3 – Cafeteria**



**Foto 4 - Sala dos Audiovisuais**



**Foto 5 - Sala de Formação e Leitura**



**Foto 6 - Sector infanto-juvenil**



**Foto 7 - Sala Polivalente**



**Foto 8 - Biblioteca de praia**



Foto 9 - 'Barriga cheia de histórias'



Foto 10 - 'Avental de histórias'



**Foto 11 – ‘Teatro de Fantoques’**



**Foto 12 - ‘Histórias Escondidas’**



Foto 13 - 'Avental de Histórias' no Mercado Municipal dos Caliços



Foto 14 - 'Avental de Histórias' na creche/jardim de infância Academia dos Marinheiros

Anexo 2 – Folha de presenças no estágio

UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
Departamento de Artes e Humanidades / Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Mestrado em Ciências Documentais

FICHA DE PRESENCAS – ESTÁGIO

Nome do estagiário: Vanda Sofia Falcão Prazeres

Data	Nº de horas	Rubrica do estagiário	Rubrica do orientador
22 a 27-10-2012	17.5		
29-10 a 02-11-2012	17.5		
05 a 10-11-2012	17.5		
12 a 17-11-2012	17.5		
19 a 24-11-2012	17.5		
26-11 a 1-12-2012	17.5		
03 a 08-12-2012	17.5		
10 a 15-12-2012	17.5		
17 a 22-12-2012	17.5		
24 a 29-12-2012	-		
31-12-2012 a 5-01-2013	-		
07-01 a 12-01-2013	17.5		
14 a 19-01-2013	17.5		
21 a 26-01-2013	17.5		
28-01-2013 a 02-02-2013	2.5		
04-02 a 09-02-2013	17.5		
11-02 a 16-02-2013	17.5		
18-02 a 23-02-2013	17.5		
25-02-2012 a 02-03-2013	17.5		
04-03 a 09-03-2013	17.5		
11-03 a 16-03-2013	17.5		
18-03 a 23-03-2013	10		
25-03 a 30-03-2013	10		
01-04 a 06-04-2013	17.5		
08-04 a 13-04-2013	17.5		
15-04 a 20-04-2013	17.5		
22-04 a 27-04-2013	17.5		
29-04-2013 a 04-05-2013	-		
06-04-2013 a 11-05-2013	7.5		
13-05 a 18-05-2013	12.5		
20-05 a 25-05-2013	12		
27-05-2013 a 01-06-2013	7.5		
03-06 a 08-06-2013	17.5		
10-06 a 15-06-2013	-		
17-06 a 22-06-2013	17.5		
24-06 a 29-06-2013	18		
Data de fim de estágio	Total de horas	Assinatura do estagiário	Assinatura do Orientador
29-06-2013	500		

### Anexo 3 – Ficha de inscrição de leitor adulto da BMLJ

#### Ficha de Inscrição



Número de Utilizador:

#### Dados Pessoais

#### Atenção: PREENCHER EM MAIÚSCULAS

Nome Completo:	
B.I. / Passaporte / Cédula:	
Data de Admissão:	
Data de Nascimento:	
Sexo: M / F	
Habilitações Literárias:	
Profissão:	
Naturalidade:	Nacionalidade:
Morada Pessoal:	
Instituição Patronal / Educacional:	Contacto:
Telemóvel:	
E-mail:	

#### Filiação

Pai:
Mãe:

#### Encarregado de Educação

Nome:	
Morada:	
Localidade:	Código Postal:
Telemóvel:	

## Anexo 4 – Questionário de avaliação de atividades da BMLJ



Divisão de Turismo, Desenvolvimento Económico e Cultural  
Biblioteca Municipal Lídia Jorge

Questionário de avaliação de atividade

Porque a sua opinião é importante, agradecemos o preenchimento deste questionário, de forma a ser feita a avaliação da atividade realizada na Biblioteca Municipal Lídia Jorge.

Atividade: Teatro de Fantoches

Data: 27.04.2013 Horário: 17.00

Para efeitos de estatística, por favor indique:

Género M  F  Idade 43

Por favor, avalie a atividade no que respeita a (sendo que 1=Mau e 5=excelente):	1	2	3	4	5
Local de realização				X	
Tempo de realização					X
Interesse da temática				X	

Como soube do evento (assinale com X):

Agenda mensal	Jornais	Email	Site da Câmara Municipal	Divulgação na Biblioteca

Outros: Amiga

Avaliação geral da atividade (escolha a sua opção com X)	
Correspondeu às expectativas	X
Superou as expectativas	
Não correspondeu às expectativas	

Observações:

É muito bom, a Biblioteca Municipal ter começado a realizar este tipo de atividades, tal como já acontece noutras bibliotecas (Silves, Beja).

Obrigado!

DC\_03.03

Anexo 5 – Cartazes de divulgação do projeto *Histórias em Família*



## Histórias em família

### Avental de histórias

A história da árvore Elvira  
De Sofia Patrício Dias



Dinamizadora Vanda Prazeres  
Para crianças dos 3 aos 6 anos

09 de março de 2013 | 17h00  
Sala Infanto-Juvenil – Biblioteca Municipal Lídia Jorge



## HISTÓRIAS EM FAMÍLIA JUNHO 2013

Dinamizadora : Vanda Prazeres

Teatro de fantoches – "O coelhinho Tremeliques" de Kes Grey		08/06 3 aos 9 anos
Barriga cheia de histórias		22/06 12 aos 36 meses
Histórias escondidas Espaço para escrita criativa Inscrições em: <a href="mailto:vanda_prazeres@sapo.pt">vanda_prazeres@sapo.pt</a>		29/06 8 aos 12 anos

Para Pais e filhas, às 17H00

Biblioteca Municipal Lídia Jorge  
Sala Infanto-Juvenil



Anexo 6 – Exemplo de nota de imprensa da Câmara Municipal de Albufeira a divulgar o projeto *Histórias em Família*

Entrada > Notícias > Albufeira apresenta "Histórias em Família" na Biblioteca Municipal Lídia Jorge

## Albufeira apresenta "Histórias em Família" na Biblioteca Municipal Lídia Jorge

Por Nota de Imprensa N.º 040

2013-2-13

Todos os sábados, até ao final do ano letivo com a exceção do mês de março, devido ao período de férias escolares

**Até ao final do ano letivo, a Biblioteca Municipal Lídia Jorge, em Albufeira, apresenta vários ateliers no âmbito do projeto "Histórias em Família". Dia 16, a iniciativa é dedicada a crianças dos 3 aos 9 anos, com o atelier "Teatro de Fantoques" e a história "Sabe-se lá como é o crocodilo" de Eva Montanari.**



No próximo sábado, dia 16 de fevereiro, a Biblioteca Municipal Lídia Jorge, em Albufeira, vai realizar mais um atelier dedicado a pais e filhos, no âmbito do projeto "Histórias em Família". A primeira atividade decorreu na semana passada com a iniciativa "Avental de Histórias", com a dinamizadora Vanda Prazeres, uma estudante de mestrado em Ciências Documentais – ramo Bibliotecas, a encantar pequeninos e grãos com o conto "O nabo gigante" de Alexis Tolstói e Niamh Sharkey.

Dia 16, às 15h00, o atelier intitula-se "Teatro de Fantoques" e vai ser dinamizado a partir da história "Sabe-se lá como é o Crocodilo" de Eva Montanari. Este atelier destina-se a crianças dos 3 aos 9 anos.

"Histórias em Família" é um projeto que vai decorrer até ao final do presente ano letivo, no setor infanto-juvenil da Biblioteca Municipal, com o objetivo de incentivar a prática da leitura entre os mais jovens. Paralelamente aos objetivos pedagógicos ao nível da consolidação da prática da escrita e da leitura, a Autarquia pretende divulgar a Biblioteca como espaço cultural e de lazer, dinamizar o setor infanto-juvenil, criar vivências educativas entre pais e filhos e, ainda, fidelizar e captar novos públicos. Os ateliers são destinados a crianças até aos 10 anos, acompanhadas por pais ou outros familiares, e são adaptados às diferentes faixas etárias.



Durante o mês de fevereiro irá ainda decorrer mais um atelier, no dia 23, "Barriga Cheia de Histórias", desta feita destinado a bebés dos 3 aos 36 meses. Nesta faixa etária a iniciativa realiza-se no espaço Bébeteca. Em março, devido ao período de férias escolares, vai haver uma interrupção, estando previsto o regresso dos ateliers no mês de abril.

**Anexo 7 – Referência ao projeto *Histórias em Família* em órgãos de comunicação social locais.**

Albufeira: Ateliés no âmbito do projeto «Histórias em Família» na b... <http://www.regiao-sul.pt/noticia.php?refnoticia=134069>

Mes Região Sul On-Line

[Novo registo](#)

E-mail:

Password:  [Entrar](#)

Não me recordo de password

---

**diário online** algarve

Director: José Manuel Monteiro  
Chefe de Redacção: Sérgio Faria

Sexta-feira, 27 | SET | 2013 10:58 Quarto Minguaente

[Pesquisa rápida](#)  [OK](#)

[Newsletter](#) | [Alertas Flash](#) | [Empresas Editores](#) | [Ficha Técnica](#) | [Contactos](#)

[Enviar como homepage](#) | [Adicionar aos favoritos](#)

**primeira página**

Actualidade  
Sociedade  
Saúde  
Economia  
Ambiente  
Cultura  
Desporto  
Internacional  
Futebol

**Editorial** [ver anteriores](#)

**Opinião** [mais opiniões](#)

**Leonor Marçalho**  
**QUEM NOS LIVRA  
DESTES  
POLITICOS?**

**Maria José Pacheco**  
**"Densidade: Uma  
Prioridade de Saúde  
Pública"**

**Carolina Sousa**  
**Genética  
Nutrição e Doença  
Alérgica**

**José Manuel de Sousa\***  
**Livros, uma cidade  
que canta o amanhã**

**Leonor Marçalho**  
**UMA OUTRA  
ESTRATEGIA  
PEDAGÓGICA**

**Mário de Freitas\***  
**Projeção  
Água**

**José Manuel de Sousa\***  
**Um livro, e a nossa  
cultura ocidental**

---

**primeira página** > [Cultura](#) > [Notícia](#)

**Albufeira: Ateliés no âmbito do projeto «Histórias em Família» na biblioteca municipal**

Até ao final do ano letivo, a biblioteca municipal Lúcia Jorge, em Albufeira, vai acolher, todos os sábados, vários ateliés, no âmbito do projeto «Histórias em Família».

A primeira sessão decorreu na semana passada, com a iniciativa «Venha de Histórias», ditadas por Vanda Prazeres, uma estudante de mestrado em Ciências Documentais, ramo Bibliotecas, a encontrar pequeninos e grandes com o conto «O reino gigante», de Alice Tizias e Nílson Spínale.

Já este sábado, às 10 e às 15.00 horas, a iniciativa é dedicada a crianças dos 2 aos 9 anos, com o atelier «Teatro de Fantoches» e a história «Este-se lá como é o crocodilo», de Elm Montanari.

Durante o mês de fevereiro irá ainda decorrer mais um atelié, no dia 23, «Barriga Cheia de Histórias», desta feita destinado a bebés dos 3 aos 36 meses.

Nesta terça-feira, a iniciativa realiza-se no espaço «liberecas». Em março, devido ao período de férias escolares, vai fazer uma interrupção, estando previsto o regresso dos ateliés no mês de abril.

«Histórias em Família» é um projeto que visa incentivar a prática da leitura entre os mais jovens.

Paralelamente aos objetivos pedagógicos ao nível de consolidação da prática de escrita e de leitura, a autarquia pretende dringir a biblioteca como espaço cultural e de lazer, dinamizar o setor infanto-juvenil, criar vínculos educativos entre pais e filhos e, ainda, fidelizar e captar novos públicos.

Os ateliés são destinados a crianças até aos 10 anos, acompanhados por pais ou outros familiares, e são adaptados às diferentes faixas etárias.



---

**diário online RS**

11:45 quinta-feira, 14 fevereiro 2013 Google  Twitter

[Enviar a um amigo](#) [Comentar esta notícia](#) [0 comentários]

[Imprimir esta notícia](#) [Criar alerta Flash-Mail](#)



---

**Rubricas**

Duradas  
Gestões  
Ti Genovese  
Donaúlio DEOD  
Livros novos  
Horóscopo

**Passatempo**

Horóscopo e  
Cartomancia  
Horóscopo + Previsão p/ 2012

**RELACIONAMENTOS**

**HORUS**

**Participa Já e Ganha!**

**Inquirições** [ver todas](#)

**Entrevista On Line** anteriores

**Últimas entrevistas:**

Data: 26/09/2013  
Candidato do PSD à Câmara Municipal de Loulé em entrevista  
Empresário: **Helder Martins**  
(Empresário)

Data: 26/09/2013  
Candidato do PS à Câmara Municipal de Loulé em entrevista  
Empresário: **Vitor Azeite**  
(Empresário)

**Doadores** [ver todos os doadores](#)

---

**PT**

**ANTES  
ELOGE**

**AGORA - 11,95€**  
por 1 ano

[www.digiticos.pt](http://www.digiticos.pt)

**Região Sul**

Publicado em: 25/09/2013  
Área de edição: 00

**Ver páginas PDF**  
de Albufeira em Albufeira na

**Tabela de Preços**  
ess  
Culogica entre 10 e 13

**Assinatura Anual**  
de Albufeira

**Informação em Vídeo**  
AUAQ lança programa «Faz Desporto» para o novo

**Apêndice 1** – Ficha utilizada na 4ª sessão - ‘*Histórias Escondidas*’

**Exercício 1**

**Título da história** \_\_\_\_\_

**Era uma vez....**

(aqui descreves a personagem principal)

**Que viveu em / foi a ....**

(descreve o cenário aqui)

**Um dia....**

(alguma coisa aconteceu para a história começar)

**E, portanto...**

(o que é que a tua personagem faz a seguir e o que ele ou ela espera que aconteça?)

**Mas...**

(alguma coisa corre mal)

**Então...**

(como é que a tua personagem tenta resolver o problema?)

**Finalmente....**

(as coisas correm bem à tua personagem?)

**Por fim....**

(faz o desfecho da tua história aqui)

**Apêndice 2** – Dados estatísticos relativos ao período de ação do Projeto ‘*Histórias em Família*’

Janeiro 2013	Nº total de utilizadores	509
	Média de utilizadores por dia	20
	Média de utilizadores ao sábado	25
	Nº de documentos emprestados <sup>3</sup>	811
	Novos leitores inscritos	55
Fevereiro 2013	Nº total de utilizadores	604
	Média de utilizadores por dia	26
	Média de utilizadores ao sábado	38
	Nº de documentos emprestados	740
	Novos leitores inscritos	49
Março 2013	Nº total de utilizadores	709
	Média de utilizadores por dia	28
	Média de utilizadores ao sábado	38
	Nº de documentos emprestados	1910
	Novos leitores inscritos	72
Abril 2013	Nº total de utilizadores	372
	Média de utilizadores por dia	17
	Média de utilizadores ao sábado	27
	Nº de documentos emprestados	684
	Novos leitores inscritos	35
Maio 2013	Nº total de utilizadores	568
	Média de utilizadores por dia	22
	Média de utilizadores ao sábado	30
	Nº de documentos emprestados	647
	Novos leitores inscritos	10
Junho 2013	Nº total de utilizadores	368
	Média de utilizadores por dia	16
	Média de utilizadores ao sábado	17
	Nº de documentos emprestados	622
	Novos leitores inscritos	61

<sup>3</sup> O relatório estatístico de 2013 da BLJ não especifica o tipo de documentos emprestados, apenas indica o número total de empréstimos realizados.